INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ARETE MENDES

O PROCESSO EDUCATIVO NO CONTEXTO DOS MANDJACOS DE CALEQUISSE EM GUINÉ BISSAU

Redenção-CE

2019

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – IH

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ARETE MENDES

O PROCESSO EDUCATIVO NO CONTEXTO DOS MANDJACOS DE CALEQUISSE EM GUINÉ BISSAU

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial à obtenção do título em licenciatura no curso de Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Maria Costa Bernardo

Redenção-CE
2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Mendes, Arete.

M538p

O processo educativo no contexto dos Mandjacos de Calequisse em Guiné-Bissau / Arete Mendes. - Redenção, 2019.
063f: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto De Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2019.

Orientadora: Profa. Dr. Carolina Maria Costa Bernardo.

1. Guiné-Bissau. 2. mandjaco. 3. processo, educativo. I. Título

CE/UF/BSCA CDD 966.5703

ARETE MENDES

O PROCESSO EDUCATIVO NO CONTEXTO DOS MANDJACOS DE CALEQUISSE EM GUINÉ BISSAU

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial à obtenção do título em licenciatura no curso de Pedagogia.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

_____

Orientadora e presidente: Profa. Dr[a]. Carolina Maria Costa Bernardo
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

_____

Examinadora interna: Profa. Dra. Artemisa Odila Candé Monteiro
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

_____

Examinador externo: Prof. Dr. Linconly Jesus Alencar Pereira
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Dedico este trabalho (*in memoriam*) aos meus pais, Gabriel Mendes e Teresa Gomes, aos meus ancestrais, ao meu filho, Bubacar Mendes Baldé, aos meus irmãos, Françuar Silva e Ana Maria Mendes, e ao meu cunhado, Nicolas Gomes, por tudo o que consegui hoje.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus e aos meus ancestrais, por terem me dado força para enfrentar essa batalha e realizar esse sonho.

Agradeço aos meus pais, Gabriel Mendes, e em especial à minha querida e guerreira mãe, Teresa Gomes, mulher incansável, que serve de exemplo a muitas, e que foi razão dessa conquista.

Agradeço à pessoa que admiro muito, minha incansável orientadora, Dra. Carolina Maria Bernardo, por sua dedicação e parceria nas orientações, a pessoa com quem desejo compartilhar os conhecimentos ao longo da pesquisa.

Especialmente, agradeço ao meu querido filho, Bubacar Mendes Baldé, e ao seu pai, Mamadu Aliu Balde, que sempre estiveram presentes, me apoiando nessa luta. Agradeço aos meus irmãos, primos/as, tios/tias, meus amigos Braima João Fernandes, Afonso José Mendes, Januário Em especial, ao meu incansável parceiro, Eliseu Caetano Oliveira, que sempre esteve ao meu lado me apoiando e incentivando.

Também agradeço ao meu ex-orientador, Ricardo Ossagô de Carvalho, à minha querida mana, professora doutora Artemisa Odila Candé Monteiro, pelo apoio.

Agradeço a todos/as professores/as da UNILAB, do curso de Pedagogia. Em especial, agradeço ao professor Luís Carlos Ferreira, ao professor Evaldo Ribeiro Oliveira, ao professor Linconly Jesus Alencar Pereira, ao professor Luís Carlos Bedoya- Lutchu, ao professor Ivan Lima, à professora Lucilene Rezende Alcanfor e à professora Geranilde Costa e Silva.

Agradeço aos servidores, em especial aos da limpeza e aos motoristas, pelo carinho; aos estudantes internacionais, em especial os da Guiné-Bissau, por compartilhar esses momentos de muita luta, de garra e de conquistas. E, por fim, agradeço a todos os meus entrevistados pela confiança, paciência e atenção.

Agradeço à UNILAB, pela oportunidade e por ser um espaço que nos possibilita refletir sobre diferentes realidades, diferentes formas de ser e de ver o mundo. E também por possibilitar falar de mim, do espaço e da realidade do povo ao qual pertenço.

Um ser humano só se realiza quando humaniza outros seres humanos. A desumanização de outros seres humanos é um impedimento para o autoconhecimento e a capacidade de desfrutar de todas as nossas potencialidades humanas. O que significa que uma pessoa precisa estar inserida numa comunidade, trabalhando em prol de si e de outras pessoas (NOGUERA, 2011).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo pesquisar o processo educativo no contexto dos mandjacos de Calequisse, a forma como organizam e sistematizam a transmissão do conhecimento e do saber aos individuos. Para atingir o objetivo da pesquisa, apoiamos nos teóricos que discutem as práticas educativas, nesse contexto. Também foram entrevistadas cinco pessoas do gênero masculino oriundos do setor que passaram por esse processo. A pesquisa revela que, o grupo reconhece a educação como prática sociocultural, que por meio dela as pessoas compartilham as vivenciam e experiências do dia a dia. Ainda, consideram a educação como ato de viver para viver, que resulta o modo de ser e de estar de cada grupo, revelando a importância das pessoas em aprender uns com os outros. Os ensinamentos repassados englobam diferentes fontes de conhecimento, possibilitando os indivíduos os conhecimentos ligados a questão moral, valores, culturais, preservação das identidades coletivas e individuais, a religiosidade, espiritualidade, ancestralidade, politica, arte, mito, rito, lenda, conhecimento sobre as ervas e plantas medicinais e tudo que envolve a cultural do grupo. Foi compreendido que, na concepção dos mandjacos a pessoa educada é aquela que respeita as regras estabelecidas socialmente e culturalmente na comunidade, a que respeita e obedece aos mais velhos. O grupo desconhece a figura do professor/a, por acreditarem que, qualquer indivíduo e parente pode desenvolver essa atividade, quer dizer a educação da criança é uma ação compartilhada que não é apenas tarefa dos pais. O modo de ensinar nesse contexto não determina o espaço, o tempo, sem compartimentação de disciplinas e nem dias para acontecer, se refere um processo continua que ocorre de uma forma sistematizada por faixa etária, classe social, orientação sexual etc. Acreditamos que, essa pesquisa traz reflexões de pensar e valorizam outras áreas de conhecimento que também destacam a importância na formação dos indivíduos.

Palavras-chave: Guiné-Bissau, mandjaco, processo, educativo.

RESUME

The present work aims to investigate the educational process in the context of Kalequisse's manpower, how they organize and systematize the transmission of knowledge and knowledge to individuals. To achieve the research objective, we support theorists who discuss educational practices in this context. Also interviewed were five male people from the sector who went through this process. The research reveals that the group recognizes education as a sociocultural practice, through which people share their daily experiences. Still, they consider education as an act of living for living, which results in the way of being and being of each group, revealing the importance of people in learning from each other. The teachings passed on encompass different sources of knowledge, enabling individuals with knowledge related to moral issues, values, cultural, preservation of collective and individual identities, religiosity, spirituality, ancestry, politics, art, myth, rite, legend, knowledge about herbs and medicinal plants and everything that involves the group's culture. It was understood that in the conception of the mandjacos the educated person is the one who respects the rules established socially and culturally in the community, which respects and obeys the elders. The group is unaware of the figure of the teacher, believing that any individual and relative can develop this activity, that is, the child's education is a shared action that is not just the task of the parents. The way of teaching in this context does not determine the space, the time, without compartmentalization of disciplines or days to happen, it refers to a continuous process that occurs in a systematized way by age group, social class, sexual orientation, etc. We believe that this research brings reflections of thinking and values other areas of knowledge that also highlight the importance in the formation of individuals.
Keywords: Guinea-Bissau, mandjaco, process, educational.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9
2 OS MANDJACOS DE CALEQUISSE: IDENTIDADE, TERRITÓRIO E PODER 13
2.1 Contextualização Geográfica e Política da Guiné-Bissau 13
2.2 Setor de Calequisse e a Sua Localização GeogrÁfica 14
2.3 Contextualização do Grupo Étnico Mandjaco 16
3 PROCESSO EDUCATIVO NO CONTEXTO DOS MANDJACOS DE CALEQUISSE: SISTEMATIZAÇÃO E TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO 24
3.1 A Educação Pré (e) colonial 26
3.2 Processo de Organização e de sistematização de Transmissão do Conhecimento e do Saber no Contexto dos Mandjacos de Calequisse 29
3.3 As Fases do Desenvolvimento e da Formação Masculina no Contexto dos Mandjacos de Calequisse 36
3.4 As Etapas/fases de Formação Feminina 47
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 57
REFERÊNCIAS 58
APÊNDICE ..... Erro! Indicador não definido.

1 INTRODUÇÃO

A escolha do presente tema para o trabalho de conclusão do curso (TCC), na modalidade de uma monografia, no curso da licenciatura em pedagogia, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira UNILAB, nasce no interesse em pesquisar a forma como a etnia M*andjaco*[1], em especial, os que vivem no *sector*[2] de Calequisse, localizada na região de Cacheu, zona norte do país, sistematizam e organizam a transmissão do conhecimento aos seus agentes segundo as suas normas e tradição.

O interesse pela temática surgiu nos encontros de diversas discussões teóricas, principalmente no período em que cursáva o componente curricular "Didático nos países da integração" no curso de licenciatura em Pedagogia, lecionado pela professora Dra. Carolina Maria Bernardo. Nessa disciplina, tivemos a oportunidade de discutir diferentes formas de educar, tanto nos ambientes escolares quanto nos ambientes não escolares.

Portanto, escolhi a temática não porque pertenço grupo étnico Mandjaco, mas, sim surgiu como a possibilidade de resgatar a identidade cultural do grupo, que ao longo do tempo foi marginalizado, discriminado pelo colonizador, na tentativa de impor ou implementar a cultura ocidental dentro de uma realidade totalmente diferente, como se não houvesse a diversidade cultural ou como se existisse uma única forma e modelo de educação.

Outra escolha surgiu também como a possibilidade de contribuir pelo meu país de origem e com a UNILAB, por trazer em suas propostas um estudo diferenciado, que nos possibilitam enxergar o mundo com olhares atentos e diferenciados.

Com isso, o trabalho apresenta os seguintes objetivos: Estudar o processo educativo no contexto dos Mandjacos de Calequisse, como eles sistematizam e organizam transmissão do conhecimento; identificar a representatividade do grupo étnico Mandjaco, sobre o que é a educação, e a pessoa educada; descrever identidade, território e dinâmica sociopolítica do grupo; estudar as fases de desenvolvimento e de formação masculina e femininas nesse contexto.

Para atingir os objetivos dessa pesquisa foram elaboradas as seguintes questões: 1) O que é educação? 2) como acontece o processo educativo pelo qual passam os indivíduos? Como é organizada e sistematizada a transmissão de saberes e de conhecimentos? 3) O que é ter educação e ser uma pessoa educada para guineenses da etnia Mandjacos? Portanto, essas questões são os principais guias norteadores para obtenção das informações e para atingir os objetivos delineados.

Portanto, pesquisar o processo educativo no contexto dos Mandjacos de Calequisse é de extrema importância, por ser um trabalho capaz de explicar a relevância desse sistema na formação dos indivíduos reflexivos e críticos. Como também resgatar as memórias culturais do grupo que, durante a instalação colonial, foi visto como algo "primitivo". Além disso, esse trabalho servirá como material de referência e de apoio reflexivo nos debates acadêmicos, seminários nacionais, internacionais, eventos, somando com outros estudos teóricos já desenvolvidos nessa área.

Para melhor sistematização e problematização deste trabalho, apresentamos a metodologia como guia viável para recolha das informações, capazes de explicar a realidade em estudo. Aliás, a monografia busca estudar esta questão de forma mais clara e profunda, usando a metodologia adequada para alcançar os objetivos delineados. Para Barros e Lehfeld (2007), no tocante a esse tipo de pesquisa, a metodologia não precisa se preocupar com a resolução dos problemas, mas, sim, em nos mostrar os melhores caminhos para encontrá-la.

Com isso, trabalha apresenta a metodologia baseada na pesquisa bibliográfica com base da pesquisa dos autores que colocam o assunto em destaque como: Brandão (2007), Djaló (2012), Fonseca (1997), Mendy (1994), Mendes (2014), Hampaté Bâ (1981), Gohn (2006), dentre outros que discutem o processo educativo fora dos ambientes escolares. Nesse caso, vale frisar que, a pesquisa bibliográfica se consiste na exploração dos livros, artigos, monografias, teses, ensaios, revistas, vídeos, entre outros documentos disponíveis nas bibliotecas e nos sites, que tratam dos assuntos em discussão.

Uma parte desse trabalho foi baseada nas entrevistas semiestruturada com cinco (05) estudantes mandjacos da UNILAB-CE, do gênero masculino, com idades entre 30 a 35 anos, do curso de licenciatura em Ciências Exatas, Pedagogia e Sociologia. Estes entrevistados em sua maioria nasceram, cresceram e viveram no setor de Calequesse, os mesmos apresentam serem filhos dos pais agricultores e de famílias tradicionalmente alargadas. Vale frisar que, os colaboradores dessa pesquisa serão nomeados com nomes fictícios, isso para salvaguardar suas identidades, sendo estes: Ivo, Píer, Sebastião, Prosper e Miguel.

A mesma entrevista ocorreu na universidade, outras nas casas e vídeo chamadas. Nessa cada entrevista durou uma média de uma hora ou mais. Conforme Szymanski, Almeida e Prandini (2018), a entrevista é momento de interação entre o entrevistador e o entrevistado, o momento que permite uma compreensão de si e do outro.

A escolha dos entrevistados não ocorreu de forma aleatória, pois tivemos os cuidados de escolher as pessoas com base das experiências próprias e nas vivências da realidade, com

questões abertas e fechadas. Quer dizer, um trabalho se baseou na pesquisa qualitativa, conforme Bauer e Gaskell (2011) a pesquisa qualitativa é baseada na interpretação das realidades sociais, por meio das entrevistas, aliás, consiste em uma pesquisa não ligada a dados numéricos. A par dessa informação Denzin e Lincoln (2006) consideram esse tipo de pesquisa como um campo de investigação, que envolve o estudo do uso e da coleta dos dados empíricos, sendo elas: estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida, dentre outras que interpretam momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos entrevistados, os quais devem ser compreendidos como autores sociais e terem respeitadas suas opiniões.

Nessa mesma linha de pensamento, Vieira e Zouain (2006) defendem que a pesquisa qualitativa se fundamenta principalmente em análises qualitativas, concretizando-se pela não utilização dos dados estatísticos, ou seja, um tipo da pesquisa que serve de revisão da estrutura teórica da realidade.

É importante deixar claro que a intenção inicial da autora consistia em realizar a pesquisa no setor, após o levantamento teórico, mas devido a problemas pessoais, bem como pela falta de meios econômicos, não foi possível realizar essa viagem - razão pela qual não conseguimos entrevistar nenhuma mulher.

A pesquisa foi planejada em quatro etapas, sendo a primeira de revisão bibliográfica; na segunda, realizamos a construção dos materiais da pesquisa; na terceira, organização ou transcrição e análise dos dados coletados; e na quarta e última, revisão do trabalho final. Além disso, há também a introdução, as considerações finais e as referências bibliográficas. O trabalho se estrutura em duas seções, nas quais tratamos dos assuntos interligados.

Na primeira seção, propomo-nos apresentar uma breve consideração sobre aspectos geográficos, administrativos e políticos da República da Guiné-Bissau, bem como contextualizar o setor de Calequisse, e de modo geral, do grupo étnico Mandjaco, em seu contexto histórico, organização familiar, territorial, estruturação econômica e do poder político. Isso para contextualizar os leitores sobre o lugar de fala.

Na segunda seção, discutimos o processo educativo no contexto dos Mandjacos de Calequisse, a forma que o grupo organiza e sistematiza a transmissão do conhecimento e do saber, bem como as estratégias utilizadas para realização dessa atividade. Ainda, a seção nos traz o entendimento sobre o conceito da educação, a partir do olhar teórico e dos entrevistados. Também aponta a questão do choque cultural que ainda ocorre dentro dessa diversidade entre a cultura tradicional africana e a ocidental. E na sequência, discute as

etapas de desenvolvimento e de formação masculina e feminina, apresentando algumas práticas socioculturais que ocorrem durante o processo.

Nas considerações finais, apresentamos o resultado da pesquisa, sobre o processo educativo no contexto dos Mandjacos de Calequisse, a forma como Mandjacos organizam e sistematizam a transmissão do conhecimento e saber, apresentando diferentes formas e tipos de ensinamentos e estratégias utilizadas nesse processo de ensino e aprendizagem, em uma vivência pautada em saberes, costumes e valores tradicionais dos Mandjacos.

E, por último apresentamos as referências bibliográficas, como guia para leitores interessados em aprofundar a pesquisa ou pesquisar o assunto relacionado a esse.

Nota-se que, durante a pesquisa passemos por dificuldades de encontrar os materiais, porque a pesquisa dessa natureza, no contexto em estudo, ainda é pouca estudada. Mas isso não nos impede de dar a nossa contribuição para resgatar história do nosso povo.

2 OS MANDJACOS DE CALEQUISSE: IDENTIDADE, TERRITÓRIO E PODER

A discussão dessa seção se fundamenta nas abordagens teóricas e nos relatos das entrevistas com os estudantes do sector em pesquisa. Na primeira parte do texto, contextualizamos o território nacional da República da Guiné-Bissau, seus setores administrativos, dentre outras. Na segunda parte, contextualizamos o grupo étnico Mandjaco, e com o foco dos que vivem no setor de Calequisse.

2.1 Contextualização Geográfica e Política da Guiné-Bissau

O país denominado República da Guiné-Bissau, cuja capital é Bissau, onde vivem os Mandjacos em pesquisa, localiza-se na costa ocidental do continente africano. Pelo Norte, tem fronteira com República de Senegal, ao leste e ao sul com a República da Guiné-Conakry e é banhado pelo Oceano Atlântico. Conforme Benzinho e Rosa (2015, p. 15), o país é plano, o clima é predominante tropical, quente e úmido e com duas estações do ano bem distintas: a estação seca começa entre os meses de novembro a abril, e a estação das chuvas entre maio a outubro. O País apresenta a temperatura média anual de 26,8 graus.

O território é constituído por mais de 30 grupos etnolinguísticos, entre eles: Mandjacos, Mancanha, Balanta, Fula, Mandinga, Biafada, Papel, Felupes, biafadas, Bijagós, Casangas, Banhus, Sussos, Sarancolés, entre outros. Conforme alguns pesquisadores, os Mandjacos representam o terceiro ou quarto grupo étnico mais populoso no país. Para Augel (2007), a etnia Mandjaco constitui a quarta etnia mais numerosa, ocupando 11% da população guineense. Vale ressaltar que essa porcentagem varia de pesquisa para pesquisa. Para M'bunde (2018), a Guiné-Bissau tem em torno de 1,746 milhão de habitantes.

Ainda vale frisar que, o território foi colonizado e/ou explorado inicialmente pelos portugueses, que foram os primeiros europeus a estabelecer contato com os nativos no ano de 1446, através do navegador Nuno Tristão, como afirma Augel (2007).

Após uma longa luta armada que provocou inúmeras perdas de vida de homens e mulheres guineenses, assim como dos portugueses, o país declarou a independência em 1973, mas somente em 24 de setembro de 1974 a independência veio a ser proclamado unilateralmente por Luís Cabral, o primeiro presidente da República da Guiné-Bissau depois da independência.

O território da Guiné-Bissau tem uma superfície total de 36.125km². Além das divisões fronteiriças, a Guiné-Bissau se dividiu em três províncias (Norte, Sul e Leste), composta por 37 setores, incluindo o setor autônimo Bissau, a capital do País, e oito regiões administrativas, entre eles: Região de Cacheu, Região de Bafata, Região de Oio, Região de Biombo, Região de Quinara, Região de Gabú, Bolama Bijagó e Região de Tombali, como pode ser verificado no mapa abaixo. Para Augel (2007), cada uma dessas é governada por um governador.

Figura 1: Mapa da Guiné-Bissau e os seus planos administrativos.

Fonte: África Turismo (2019)[1]

Além das regiões administrativas que compõem o país, o mapa apresenta a localização geográfica do setor Calequisse, situada na região norte.

2.2 **Setor de Calequisse e a sua Localização Geográfica**

Nesse ponto de apresentação do setor, convidamos os leitores a fazerem uma curta viagem para o lugar em pesquisa. Ao fazer essa breve apresentação, destacamos e levamos em consideração a questão de valorização, reconhecimento e representatividade desse lugar na minha formação pessoal.

[1] Disponível em: http://www.africa-turismo.com/mapas/guine-bissau.htm. Acesso em: 20 jun. 2019.

Conforme verificamos no mapa, o setor de Calequisse localiza-se na zona rural norte do país, a 100 km da Capital do país (Bissau), a 66 km da cidade de Cacheu e a 28 km a cidade de Canchungo, como também afirma Mendes (2017).

Na zona oeste, faz fronteira com o setor de Caio, ao leste com o São Domingo e ao norte com a cidade de Canchungo.

O setor é formado por mais de 15 aldeias (tabancas/aldeias), divididas em pequenas comunidades, entre as quais se destacam: Betenta, Basserel, Baramb, Bajob, Bipar, Balomb, Catidj, Tchatchum, Catatchet, Bô, Timate, Pgoragor, Catchalam, Caiupa, Uko, Barepend e Centro de Calequisse. Durante muito tempo e ainda hoje, por motivos de trocas comerciais, o setor Calequisse vem recebendo fluxo de outras nacionalidades e grupos étnicos, como os Papeis, Mancanhas, Fulas, Mandingas, Mauritanianos, senegaleses, dentre outras.

O setor é rodeado por rios, matas, bolanhas e palmeiras. O mesmo por muito tempo é reconhecido como um dos lugares mais sagrados, conservador dos saberes, culturais, tradição e costumes. Nesse espaço, o vínculo às tradições e a adoração aos antepassados ainda é forte, pois acreditam na vida após a morte.

Calequisse/Betenta foi apresentado aqui como o lugar onde tudo começou o chão onde o meu cordão umbilical foi enterrado e vivi toda minha infância, adolescência e um pouco da juventude. Por essa razão destaco a representatividade do espaço, pela educação ensinamentos de base que veio a contribuir de uma forma significativa na minha formação pessoal, levando em consideração familiares, comunidade, grupo étnico, cultura, a ancestralidade, a religiosidade e todas as relações estabelecidas desde o meu primeiro dia de vida até hoje.

Vale frisar que, nessa comunidade todas as relações humanas se estabelecem por meio de Ubuntu, quer dizer ninguém vive isolado, então nasci e foi educada nesse ambiente durante nove anos. Isso demostra que, minha base educacional se deu nessa pequena comunidade chamada Betenta, onde aprendi ser a pessoa que me tornei hoje. Para Noguera Ubunto é a "possibilidade de existir junto com outras pessoas de forma não egoísta, uma existência comunitária antirracista e policêntrica" (NOGUERA, 2011, p. 147).

Essa socialização e envolvimento estabelecido durante muito tempo foram determinantes na minha formação pessoal, pois, tornaram espelho norteador nas minhas definições. Portanto, todas estas foram a base da minha existência e do meu ser.

2.3 Contextualização do Grupo Étnico Mandjaco

Nesse tópico, trazemos uma breve apresentação do grupo étnico Mandjaco, sua localização geográfica ou divisão territorial, constituição familiar, sistema de parentesco, cultura, estrutura econômica e agrícola, entre outros aspectos importantes para sua formação. Segundo Mendes (2014), os Mandjacos são classificados a partir de três critérios relacionais, sendo estes: 1) a questões das proximidades geográficas; 2) parentesco; e 3) afinidade linguística. Para Nhaga (2011), os Mandjacos se dividem em quatro classes, sendo elas: classe dos nobres, dos guerreiros, dos agricultores ou mestres e dos funcionários.

Os relatos históricos do grupo nos apontam que são conhecidos e reconhecidos como um dos primeiros habitantes de região Cacheu Norte do País, "atualmente dividida em sete sectores: Bigéne, Bula, Cacheu, Calequisse […], Caio, Canchungo e São Domingos […]. Estes sectores são, por sua vez, são divididos em secções […] compostas por tabancas[2]" (ATTENOT, 2018, p.14).

Na região, o grupo está distribuído em pequenos setores, como: Calequisse, Bianga, ilha de Djeta, de Pecixe, Djolmete, Pelundo, Caio, Canchungo, Pamdim, Cabuiana, Canhobe, Tame, etc. Mendes (2014) reforça a ideia, sublinhando que a etnia se subdivide em nove agrupamentos, sendo eles: agrupamento de mandjacos de Canchungo, Caio, Canhobe, Bianga, Calequisse, Pecixe, Djeta, Pelundo, dentre outros. E é claro que os Mandjacos, apesar de pertencerem a um bloco étnico, cada grupo apresenta a sua própria forma de viver, sendo que em algumas práticas identárias, como as cerimônias ritualísticas de casamento, *pelum petchap*[3](Cerimônia fúnebre), apresentam uma realização distinta de subgrupo para subgrupo.

Os Mandjacos apresentam uma estrutura familiar extensa e alargada, constituída por homens, mulheres, pais, mães, filhos/as, tios/as, primos/as, netos/as, bisnetos/as, sobrinhos/as, etc. Nesse sentido, a família não se resume nas pessoas que constituem a mesma ligação sanguínea ou ancestral, mas também aos indivíduos que têm uma rede de relação social e de parentesco. Para esse grupo, a família representa uma instituição muito importante como afirma (MENDES, 2018, p. 75):

> Na Guiné Bissau, a família é uma instituição cultural muito forte, cujas responsabilidades entre os membros da família são levadas bastante a sério. O vínculo se manifesta em atividades como: fazer as refeições juntos, compartilhar

[2] Tabanca significa Aldeia.
[3] Cerimônia fúnebre na língua mandjaco

> refeições entre as famílias, dormir juntos na mesma cama, e, também, realizar consultas coletivamente sobre várias questões que afetam a família

E "todo o obstáculo que impedisse a sua constituição era combatido" (LEISTER, 2012, p. 169), através de fortalecimento dos laços de amizade e de parentesco.

Devido à falta da bibliografia, recorremos às entrevistas com os estudantes mandjacos oriundos do setor. Nesse sentido, temos a explanação de Ivo (2019), que afirma pertencer uma família grande: "nasci no meio de uma família extensa. É a realidade de muitas famílias guineenses". Para Prosper e Miguel (2019) a família às quais fazem parte apresenta uma estrutura grande, formadas por pai grande, pai pequeno, mãe grande, mãe pequena, avó e avô, tios, tias, irmãos/as, primos/as. Para estes entrevistados, não existe o termo primo/a, nem tio por parte paterna. Os primos se chamam de irmãos/as, e os tios de pais grandes ou pais pequenos conforme idade da pessoa e do pai biológico.

> A minha família é bem grande, conta com seguintes membros, Avós/ôs Pai, Mãe Irmãos/ãs Pais/grandes ou pequenos, é essencial destacar isso. Havia uma estrutura familiar muito alargada, os primos/as eram chamados de irmãos/as (não existe o termo primo/a em Mandjaco), tios chamados de País/pequenos ou pais/grandes dependendo se é mais novo ou mais velho do próprio pai. Entretanto, o termo tio era usado para designar irmãos, por exemplo, da mãe neste sentido, portanto, irmãos do pai era a mesma nomenclatura de "Pai" (grande ou pequeno) não se chamava ou usava o termo tio para eles. Sou de uma família grande. Tem a família grande que envolve a família dos meus tios e outros que vem de outras ligações como do lugar onde meus pais e meus tios foram criados (PROSPER, 2019).

> Como sendo Mandjaco, a minha família apresenta uma estrutura bem maior, a família manjaco é como qualquer família africana, não se resume entre pais e filhos, mas também tios, tias, primos e primas, sobrinhos, tios/as, netos/as, bisnetos/as, avós, bisavós, assim vai. Tudo isso são famílias, essas categorias mencionadas vivem na mesma casa em muitos casos, portanto é família direta. Na minha etnia, não há distinção entre o pai e o seu irmão, o irmão do seu pai é o seu pai também, praticamente não há denominação de tio, nesse caso, o tio seria o irmão da sua mãe. Da mesma forma, que os filhos do irmão do seu pai são seus irmãos e não primos praticamente não existem o termo primo na etnia manjaco no lado do pai. Mas sim primo no lado da mãe, por exemplo, filho do seu tio que seria o irmão ou irmã da mãe é o seu primo, nesse caso não se considera como irmão e sim primo ou prima. A família manjaco de Calequisse é patriarcal, os familiares do seu pai são famílias direto, e o que caracteriza a família são pessoas que moram na mesma casa tendo o mesmo nome da família (sobrenome) e que pertencem à mesma ITCHAP— pequenas estatuas que representem os familiares que já mortos. Os Mandjacos têm PUBUKA, que significa a família, mas não necessariamente as pessoas obterem o mesmo sobrenome e nem vivem na mesma casa, nesse caso pode ser considerado como uma (linhagem) (MIGUEL, 2019).

Do lado paterno, consideram primo/a como irmão e irmã, o tio como pai e a tia como pai fêmea. O termo primo/a é apenas usada para designar os filhos/as do/a tio/a materna e o tio/a seria irmão da mãe e não do pai. É importante destacar que o termo primo/a, assim como

tio/a, não provém da língua mandjaco. Aliás, na língua mandjaco não existe o termo primo/a, nem tia e tio.

Na língua mandjaco, o primo/a se chama de *abuck ambunh*, que significa *(*filho/a do irmão da minha mãe), esse termo é usado tanto para homem quanto para mulher. Para esse grupo: o tio materno é chama de *ambunh*[4]. A tia materna de *Tanta*[5], esse termo também não é da língua mandjaco, e sim da língua *Olof* (falada em Senegal, pais vizinho). A tia materna na língua mandjaco também é chamada da mãe, e paterna de *badjam*[6]. A tia paterna na língua mandjaco é chamada de pai fêmea.

Ainda vale frisar que, não existe o termo pai grande e pai pequeno na língua mandjaco e, sim, *Papa miakc* se for irmão mais velho do pai e *Papa Ntis* irmão mais novo do pai. Para os Mandjacos, a mulher do irmão do seu pai também é a sua mãe. Estas são chamadas de *Aia miakc/Ntis*[7], que significa em português (mãe pequena e mãe grande), dependendo da idade da pessoa se é mais velha ou nova da sua mãe biológica. E se o pai casar com as duas mulheres, todas elas são consideradas como mães e não madrastas.

Ainda é possível perceber, na fala de Miguel (2019) a família nem sempre é formada por aqueles que possuem o mesmo sobrenome, mas também por pessoas que pertencem à mesma *Pubuka/kabuka,* que significa na língua mandjaco família/linhagem.

A família mandjaco também se organiza em sistemas de parentesco matrilinear, como nos setores de Caio, Pecixe, Djeta, entre outros, pois o poder da mulher é consolidado na agregação familiar. Apesar de elas deixarem a casa dos familiares quando se casam maritalmente para ir morar com o marido, mesmo assim são as que têm mais direito aos filhos em relação ao homem. Em outros subgrupos, no caso de Calequisse, Camtchungo, entre outros, privilegiam-se a filiação paterna, como afirma o entrevistado Miguel (2019)*:* "A minha família apresenta uma estrutura familiar patriarcal".

Pelas marcas históricas, os Mandjacos, Mancanhas e Papeis formavam uma única etnia, como afirma Ameal (apud DJALÓ, 2012) assim, os Mandjacos são da etnia mestiça da união dos Papéis e Brames, ou mesmo com os Floup e Biafadas. De acordo com Djalo (2012), o termo Mandjaco[8] é usado desde o século XVII, por Beaver na tentativa de descrever a etnia Mancanha ou etnia papeis. Para o autor, essa denominação surgiu através de repetições da

[4] Tio materna na língua mandjaco.
[5] Tia materna na língua Olof falada em Senegal pais vizinho.
[6] Tia paterna na língua olóf-Senegal.
[7] Mamãe grande e pequena.
[8] O termo pode ser pronunciado de Mandjaco ou manjaco, os dois termos são usados.

palavra Mandjaco, porque ao conversar na sua própria língua utilizam várias vezes a palavra mandjaco, que significa *eu disse*.

No território nacional, foi um dos primeiros grupos étnicos no país a estabelecer o primeiro contato com os portugueses no século XV, o contato que se deu no norte do país pelo navegador português Nuno Tristão em 1446, concretamente na cidade de Cacheu, isso por serem consideradas a etnia originária nessa localidade, conforme relatos históricos**.**

No que se refere o sistema econômica, os Mandjacos apresentam um sistema econômico de base agropecuária. Na época da chuva, se dedicam à plantação de mandioca, feijão, batata, inhame, abóbora e, principalmente, arroz, entre outros tipos de plantação, como mangueira, bananeira, laranjeira, exploração de vinho palmo, extrair de óleo de palmo (azeite dendê), criação de animais, como: galinhas, porcos, vacas, cabras, etc., para sua subsistência e sacrifícios nas cerimônias e rituais fúnebres e iniciativos. De acordo com Pinto (2009), os Mandjacos recentemente têm-se dedicado ao cultivo de novos produtos, como amendoim (mancara) e caju, essa a última constitui o maior peso do PIB atualmente no país.

Além das atividades acima mencionadas, desenvolvem outras atividades, como: a pesca, tecelagem, comércio, artesanato de confeitar os recipientes, potes de barros, confecção dos cestos, ferreiros, tudo isso para o uso comum e comercialização. Também desempenham outras profissões, como: jornalistas, médicos, enfermeiros costureiros/as, arquitetos, pedreiros ou engenheiros civis, dentre outras. O sistema agrícola desse grupo como qualquer etnia no País é baseado na rotação dos solos. Nesse sentido, a terra é explorada apenas uma vez por ano Cá (2015). Os instrumentos utilizados para desenvolver essa atividade são confeccionados pelo próprio grupo.

Na sociedade Mandjaco, as atividades agrícolas em sua maioria são definidas por sexo, onde os homens se responsabilizam por limpar, capinar e pela rotação da terra, enquanto as mulheres são responsáveis pelo plantio do arroz na *bolanha*[9], capinar terras plantadas, colheita, assim como fertilizar o solo com estrumes para a próxima atividade. As atividades agrícolas são organizadas em dois períodos, sendo elas: estação chuvosa denominada *Pti*, que indica o início das atividades de lavoura e de plantação, e estação da seca chuvosa, denominado *Canwu,* dedicada às colheitas e a preparação da terra para lavoura ou agricultura.

Segundo Simões (1935), os Mandjacos conhecem os meses pelas plantações, floração e frutificação das frutas e cereais. Não definem o tempo cronológico pelos meses, como o calendário ocidental gregoriano. Os mandjacos acompanham a passagem do tempo em função

[9] Lugar pântano coberta de água na época chuvosa

da época da plantação, da colheita, da seca e da chuva, momentos de grande acontecimento dos rituais, nascente e pôr do sol. Como afirma Leister (2012), a contagem do tempo era algo bastante diverso do tempo da cultura europeia:

> Os povos da Guiné não utilizavam o calendário gregoriano, como a maioria dos países ocidentais, inclusive Portugal [..]que todos os povos da Guiné observavam a passagem do tempo em função das chuvas, das luas e dos dias, dos acontecimentos importantes da vida social e do trabalho. A maior parte do quotidiano girava em torno das atividades agrícolas e o tempo de semear, colher e descansar baseava-se nos sinais da natureza. Assim, a contagem dos anos da vida de uma pessoa corria de forma paralela, acrescentando-se os sinais que se evidenciavam em seu próprio corpo (LEISTER, 2012, p.162).

Os Mandjacos também estabelecem a relação com a natureza para estabelecerem o contato ou o vínculo com os ancestrais, como também para extrair seus produtos de consumo e uso. O grupo foi reconhecido como os primeiros tecelões em Guiné-Bissau, concretamente no setor de Calequisse. Conforme Simões (1935), a tecelagem é considerada uma das principais atividades econômicas na tradição Mandjaco.

Em termos políticos, os Mandjacos ainda possuem um sistema herdado muito antigo, cuja origem remete ao período anterior à chegada dos colonizadores. Esse poder é centrado em estrutura do *Régulos*[10], que varia de casta para casta, subgrupo para subgrupo e aldeia para aldeia. Pois cada aldeia é governada por um régulo (*nacine*[11]), além dos seus colaboradores ou "ministros", como afirma Mendy (1994). Ainda autor, a etnia Mandjaco apresenta uma estrutura piramidal (hierárquica) que se organiza em três níveis, sendo eles: nível central, regional e local. No nível central, está o régulo da aldeia de Basserel, considerado como rei dos reis, o responsável de nomear os chefes regionais, também chamados reis. Conforme Pinto (2009, p. 35), os mandjacos:

> Têm um sistema de organização territorial tradicional em regulados. Sistema este que sobreviveu à colonização e protagonizou, nos anos 80, um episódio conhecido de revitalização do poder tradicional, através da escolha de um régulo por critérios tradicionais, contra os critérios das autoridades administrativas.

Para ser régulo na sociedade Mandjaco, é preciso pertencer à família *babusim*[12]. A indicação do régulo (rei) é feita pela entidade espiritual *Irã*, através de um ritual em que será realizado o exame das gônadas dos galos sacrificados. Nessa cerimônia, se o galo do

[10] Estrutura de reis
[11] Rei
[12] Família do rei na língua mandjaco.

candidato apresentar os órgãos seminais mais escuros, o candidato é excluído e quem tiver o galo com as gônadas mais claras será escolhido para ser o novo régulo ou nomeado a assumir a sua função de regalia.

Os mandjacos durante o período colonial, demostraram grandes resistências na defesa dos seus territórios, costumes e regulados. O grupo sempre contestou a autoridade de Portugal de não lhes obrigar a pagar qualquer tipo de imposto, assim como contra a presença da coluna e da portuguesa nos seus territórios, porque os portugueses criaram política em que alguns chefes locais se sentiam obrigados a cortejar o novo poder segundo Mendy (1994). Ainda autor, apesar disso, alguns chefes, como António Cupeche, chefe de Capol e Ambrósio, de Cacende (Pelundo) não conseguiram resistir a tempos de perseguições e acabaram por se submeterem, entregaram suas armas e fizeram a negociação com Teixeira Pinto, em uma jogada desesperada para salvaguardar os seus poderes. Quando os companheiros das outras regiões souberam dessa negociação, começaram as ameaças e, ao mesmo tempo, permaneceram resistindo, defendendo e se preparando para os inimigos enquanto outras regiões de mandjacos estavam sendo atacadas.

De acordo com Mendy (1994) após, vários ataques e resistências em algumas regiões de chão mandjaco, em 19 de março de 1914 a coluna chegou ao reino de Basserel, logo após a sua chegada os nativos abriram fogo sobre o grupo vanguarda de vinte auxiliares em que mataram seis e deixaram sete feridos. Durante o ataque, Teixeira Pinto dividiu de imediato a coluna em quatro grupos e conseguiu cercar e esmagar seus defensores. Esse ataque levou mais de três horas para atingir a residência real.

Nesse ataque intenso, o rei conseguiu fugir, mas três dias depois, os Mandjacos de Bo, Timate e Calequisse se mobilizaram e fizeram um sério esforço pelo fugitivo do rei dos reis. Mas não houve sucesso para expulsar os invasores. Sete dias depois do ataque intenso, o rei dos reis foi capturado no dia 27 de março. Após, de ser capturado, os portugueses ordenaram que todos os chefes e seus subordinados se entregassem. Nisso, Teixeira Pinto começou a nomear alguns colaboradores da sua confiança como régulos e inaugurou o sistema de administração indireta, segundo Mendy (1994).

Com isso, notamos que após a essa perseguição até no período pós-independência, isso vem interferindo e enfraquecendo os poderes que os régulos tradicionais detinham sobre as comunidades. Por um lado, é importante frisar que, no contexto político do grupo mandjaco, o para ser o regulo exige que a pessoa seja de maior idade, com grande responsabilidade, que seja pessoas respeitosa, respeitada, educada, valente, com grande poder espiritual e

econômico, exige também que a pessoa não seja mentirosa, malandra, entre outros critérios que o candidato deve ter e cumprir para que a sua candidatura seja validada a fim de poder concorrer ao cargo, conforme Carreira (1947, p. 113 apud MENDES, 2017, p.32):

> Cada candidato era obrigado a presentear anual ou periodicamente o régulo de Bassarel com quantidades de arroz em casa, gado caprino e suíno, aguardente de cana, cabaças de comida, pólvora e armas ordinárias, peças antigas, panos, etc., só assim lhes era reconhecida a legalidade da candidatura.

Mas na administração portuguesa isso não foi levado em consideração, sendo que as pessoas escolhidas por eles para serem régulos trabalhavam com base da ordem da colônia e não da comunidade, então isso vem diminuindo caráter original dos poderes do regulado nessa sociedade. E hoje, em Calequesse, algumas aldeias não dispõem de Namantch Utchak (Chefe/régulo) oficialmente eleito, porque, após a morte dos antigos régulos no caso da aldeia Barambe, Catidji, Basserel, Badjob, entre outras, não houve mais as eleições ou a nomeação dos régulos, a fim de exercer o cargo. Sem dúvida, isso tem a ver com a interferência as perseguições e ameaças sofridas.

No caso da Tabanca/Aldeia Betenta, que estava sob o Regulado do Patrão Brigadjë, falecido nos finais da década de 80, a partir dessa data até hoje não houve nomeação do novo regulo, por essa razão o seu filho, chamado Paulo Brigadjë Mendes ficou como simples representante e administrador do regulado, dos bens e propriedades, mas, não é considerado oficialmente como régulo. Vale destacar que, uma parte dessa liderança é exercida pela comunidade, são elas que mantêm e garantem o funcionamento normal da comunidade.

Nesse sistema política são estabelecidas as normas e regras que ajudam a orientar o meio social e comunitária do grupo. Se por ventura a pessoa desobedece, desrespeita ou viola as regras estabelecidas na comunidade, as punições funcionam em função de suspensão nas participações das atividades comunitárias, cerimonias, rituais e até mesmo exclusão comunitária. Muitas vezes, a punição de uma pessoa acaba afetando todo membro da família.

Na sociedade Manjaco, *Nacine*-regulo tem a função e a responsabilidade de resolução dos conflitos internos, externos e entre famílias. Ele apropria da mão de obra para o seu benefício e da comunidade em geral, como algo de reconhecimento pelo seu trabalho. Segundo relatos desse grupo, uma mulher da etnia Mandjaco chegou a assumir o trono. Isso aconteceu na localidade de Canchungo, na aldeia de *Blequisse pciam N'hat,* que significa (Blequisse reino da mulher). Apesar desse fato, não era permitido as mulheres exercerem esse cargo. Como afirma Mendes (2014, p.16): *"*As mulheres não fazem parte da estrutura do regulado".

Consequentemente, a discussão desta parte leva à compreensão de como a Guiné-Bissau está formada politicamente, socialmente e administrativamente ao longo do seu processo de formação. Também se dá o entendimento de como o grupo étnico Mandjaco está organizado culturalmente, socialmente, politicamente e economicamente, em especial os do setor Calequisse.

Também deve ficar claro que a sociedade Mandjaco, portadora da tradição e cultura oral, apresenta estrutura familiar alargada, formada por parentes e conhecidos, com base em sistema matrilinear e patrilinear, devido às suas especificidades. Ainda, a pesquisa revela que, os Mandjacos estabelecem o sistema agrícola baseado na rotação do solo e possuem um sistema política centrada na estrutura do regulado, que varia de subgrupo para subgrupo, aldeia para aldeia, em que cada regulado é responsável por estabelecer e organizar as suas normas e critérios da aldeia ou comunidade.

3 PROCESSO EDUCATIVO NO CONTEXTO DOS MANDJACOS DECALEQUISSE: A FORMA DE SISTEMATIZAÇÃO E TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO

Nessa seção, procuramos abordar o processo educativo no contexto dos Mandjacos de Calequisse, a forma como o grupo se organizam e sistematizam a transmissão do conhecimento e do saber aos seus indivíduos. Ainda nessa seção, trazemos uma breve discussão sobre o conceito de educação partindo do ponto de vista teórica e dos entrevistados. Em seguida, debatemos a educação pré-colonial, como também as etapas de desenvolvimento e de formação masculina e feminina, destacando os tipos de ensinamentos que ocorrem em cada uma das etapas/fases.

Com base nas pesquisas realizadas há certo entendimento que, a educação é um processo que se estabelece a partir da troca das experiências e vivências entre indivíduos, que ocorre em diferentes espaços e momentos, essas informações serão aprofundadas ao longo da discussão dialogando com autores dessa pesquisa no caso de Brandão (2007) que considera a educação como fração da experiência endoculturativa, por meio das relações interpessoais, com o intuito de ensinar e, ao mesmo tempo, aprender. Para esse autor, tudo o que o indivíduo aprende de uma ou outra forma faz parte do processo de endoculturação. Esse tipo da educação está presente em toda sociedade humana, estabelecida de diferentes maneiras. Ainda sustenta que, dentro dessa diversidade interacional, não existe uma educação que pode ser vista como melhor que a outra, uma vez que cada grupo estabelece o que regulamenta as ações humanas baseadas na realidade local.

Habte e Wagaw (2010) reforça a mesma ideia e apresentam a educação como mecanismo, através da qual a sociedade produz e organiza os conhecimentos necessários à sua sobrevivência e subsistência. Para compreender melhor esse assunto a partir da visão e da realidade dos mandjacos em pesquisa, foram realizadas entrevistas com os estudantes guineenses da mesma etnia, a fim de trazerem suas impressões sobre o conceito. Estes, nas suas falas, definem a educação como ato de trocas de vivências do dia a dia entre indivíduos em diferentes espaços de convívio humano. Para o entrevistado Ivo (2019), a educação envolve a técnica de transmissão dos valores, saberes e conhecimentos. Ainda frisa que a educação é a cultura de um povo e através dela as pessoas compartilham seus sentimentos, valores, saberes, dentre outras:

> A educação envolve a técnica de transmissão de valores, saberes, conhecimento, habilidade, para um determinado objetivo entre indivíduos. A educação é a cultura de um povo, que através dela agente compartilha os conhecimentos que ali estão.

> Agora cada sociedade tem o seu conceito da educação e educa seus membros de acordo com necessidade ou problemas de tais sociedades (IVO, 2019).

Na fala do entrevistado Prosper (2019), que afirma ter sido educado em dois ambientes educacionais, escolar e endógenas, sustenta que a educação é um ato de viver para viver, um processo que resulta do modo de estar e de viver de cada grupo e que revela a importância dos seres humanos em aprender uns com os outros:

> Educação para mim é um processo que envolve aprendizagem, troca de conhecimentos e saberes. Um processo que está em função do ato de viver. Para viver, o ser humano precisa aprender com outros, com ele mesmo e com o meio onde está. Um processo que ocorre de modo intencional (um processo planejado) que resulta do modo de estar e de viver de cada grupo e que revela a essência dos seres humanos em aprender uns com outros e com o meio (PROSPER, 2019).

Na concepção do Pier, a educação seria uma forma de dar e receber ou ensinar e aprender, trata-se de um ato de trocas de experiências de várias maneiras e que vai contribuindo em transformar as pessoas em sujeitos interativos social e culturalmente, como se pode perceber na fala dele: a "educação, para mim, é o processo do ensino e aprendizagem nos mais diversos aspectos, que ocasionam transformações socioculturais, intelectuais e emocionais dos sujeitos" (PIER, 2019).

Para Almeida (2012), a palavra educação apresenta muitos significados. Por isso, quando se fala da educação é necessário pensá-la em três campos diferentes, como afirma Gohn (2006). Para essa autora, a palavra educação apresenta três modalidades educacionais, sendo elas: educação formal, educação não formal e informal. Na concepção da Gohn, a educação formal é aquela que é desenvolvida nos ambientes escolares. Por um lado, define a educação informal como aquela que é estabelecida dentro da família, no bairro, no clube, etc., já educação não formal se refere ao tipo de educação que se aprende através das trocas das experiências do dia a dia, como explica o trecho abaixo:

> A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados: e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas (GOHN, 2006, p. 27).

É notório que, nessas modalidades educativas, foram criadas hierarquias de valores entre educação institucional mediada pelo Estado ou capital e a educação que acontece no grupo social e no seio familiar, referindo nesse caso o modelo educativo desenvolvido por

meio da oralidade, a qual é vista por alguns como menos importantes para socialização e formação dos sujeitos.

As comunidades rurais em Guiné-Bissau, por exemplo, estabelecem suas ações educativas de forma bem distinta do ensino visto como "formalizado", se refere a modelo educacional que transmitem conhecimentos endógenas, que a comunidade local organizou e sistematizou para socializar as pessoas. Para tanto, é necessário fazer uma análise profunda sobre essa questão. Tentar romper com esse olhar, trazendo o papel e a importância de cada uma dessas modalidades educativas na formação dos seres pensantes, reflexivos e críticos.

Portanto, o tópico deve trazer clareza a respeito do que podemos entender do conceito da educação, levando em consideração diferentes concepções e realidades dos autores que discutem a questão. Portanto, para os interlocutores, falar da educação equivale viver num ambiente de constantes aprendizado e de trocas das experiências acumuladas entre os indivíduos ao longo da vida, tanto por meio da oralidade, como também pela escrita. Aliás, a discussão dessa parte apresenta as informações reflexivas sobre assunto, considerando as diversidades culturais.

3.1 A Educação Pré (E) Colonial

Nesse tópico, discutimos o processo de escolarização a partir da ocupação colonial no continente, principalmente no território da Guiné-Bissau. Mas é importante ressaltar que o foco dessa pesquisa não é explorar de forma densa e profunda o assunto em discussão, apesar ser um dos elementos que nos ajuda a compreender o processo educativo no contexto dos Calequissenses. Ainda, importa frisar que, a intenção dessa pesquisa não é julgar o comportamento dos colonizadores/invasores sobre as práticas endógenas. Mas pretendemos, pelo contrário, trazer as informações que explicam de como esse interferiu nas práticas locais.

Com intuito dessa pesquisa buscamos trazer os elementos que justificam a importância da educação tradicional na formação dos sujeitos reflexivos, participativos e críticos, levando em consideração a sua funcionalidade antes da ocupação colonial. Conforme Habte e Wagaw (2010) em África no período pré-colonial se encontravam três principais sistemas de educação: autóctones, islâmica ou afro-cristã e ocidental.

O primeiro se refere ao sistema educativo estabelecido pelos próprios africanos, baseado na realidade, na cultura, nos ritos e nos hábitos e valores dos mesmos, onde os conhecimentos são transmitidos de forma oral e a partir da experiência e das vivências. O

segundo sistema denomina educação islâmica ou afro-cristã, referente às primeiras tradições cristãs que sobreviveram na Etiópia junto aos coptas do Egito, esse sistema valorizava a leitura e escrita baseada nos conhecimentos dos livros sagrados. E a terceira é educação ocidental, que permitiu o processo de alfabetização em diversas línguas africanas, europeias e árabes.

Convém analisar que alfabetizar nas línguas africanas nesse período não se resumia em oferecer oportunidade ou ensinar os africanos a ler e escrever nas línguas locais e torna-los educados, mas é perceptível que, isso se resumia no interesse de facilitar as políticas coloniais afim de poder explorar e penetrar no território africano.

Para Habte e Wagaw (2010) mais tarde, com a chegada do período colonial, esse modelo foi ignorado e a alfabetização passou a ser apenas nas línguas europeias, cujo acesso passou a ser prioridade das pessoas consideradas elites e assimiladas. Nesse mesmo período, foram estabelecidos novos critérios que exigia de os africanos aprender falar línguas europeias como novos critérios para adquirir um estatuto social, acesso rápido e permanência no mercado de trabalho, assim como prestígio de cargo ocupado e o nível salarial conforme a pessoa falava a língua portuguesa. Ou seja, o domínio das línguas europeias nesse período era a política que dava o emprego de entregadores, escritórios, artesãos, entre outros profissionais liberais.

Nota-se que a partir desse período as línguas locais começaram a sofrer bastante pressão e discriminação, até mesmo o crioulo que é considerada a língua que nasce da influência do português, também não era bem vista pelo colonizador como afirma Mendy (1994) durante o período colonial, o crioulo era mal visto pelos portugueses, apesar disso era a língua que facilitava a comunicação entre os colonizadores e os nativos. Ainda, autor nesse período as pessoas eram obrigadas a falar bem o crioulo, se fosse pelo menos cristão pelo nome. Também nesse período, a "civilização" era vista nas roupas/vestimentas típicas ocidentais, saber manejar faca e o garfo, ter a mesa de jantar, pratos, dentre outros elementos que comprovavam o suposto estado de civilização da pessoa na concepção do colonizador.

Ainda, nesse período as pessoas que não sabem ler e escrever não tinham a possibilidade de obtenção de cartão da identidade pessoal, pois, eram vistas como analfabetas como afirma. Cá (2000) a leitura e escrita em português eram consideradas como condição de civilização e também condição para obtenção de cartão da identidade. Mendy (1994) traz algumas reflexões, mostrando que a educação colonial não foi pensada para formar os africanos para se tornarem doutores, mas, sim, para serem simples funcionários nas máquinas,

no comércio, na agricultura, ocupando lugares de baixa escalão, serviço de entregas, dentre outras.

Quer dizer, as pessoas que assimilaram a cultura europeia eram as mais "privilegiadas", pois, esse seria também o caminho de "salvação", ou seja, deveram-se adequar o modelo português e cumprir seus critérios como a possibilidade de ganhar estatuto social assim como integrar na sociedade considerado branco, conforme Lopes e Lopes (2014, p.05):

> […] tinha assim por finalidade "desafricanizar", isto é, a transformação dos africanos em seres capazes de produzir pensamentos equivalentes aos dos brancos por via da assimilação e reprodução de uma série de comportamentos e hábitos considerados cruciais para alcançar o respeito, o reconhecimento e a integração na sociedade dos brancos.

Isso porque, dentro da cultura ocidental, houve uma supervalorização da cultura e educação ocidental, desqualificando as culturas locais no caso da educação tradicional. Tudo isso vem gerando muitas violências físicas, mentais e psicológicas, mas também de fortes resistências entre os nativos. Não obstante, essas concepções ocidentalistas enraizadas de racismo e ignorâncias não conseguiram penetrar de forma profunda na mente e no seio das comunidades tradicionais africanas, em especial dos Mandjacos. Pois a maioria dos africanos estavam cientes do que estava acontecendo. É nesse sentido que alguns líderes africanos, como Sekou Tuouré, presidente do Malaui, e Julius Nyerere, defendiam a ideia de reformular o sistema de ensino colonial e desenvolver o sistema educativo que se encaixa na realidade do continente e do povo africano. Ou seja, africanizar o ensino educativo na África (HABTE; WAGAW, 2010).

Essa ideia foi discutida no mês de maio de 1961, em uma conferência realizada em Addis-Abeba, organizada pela UNESCO, na qual participaram 35 representantes dos países independentes e outros em vias da independência. A conferência teve como iniciativa avaliar os sistemas educativos e formulação dos projetos para o desenvolvimento de longo prazo no continente (HABTE; WAGAW, 2010). A visão e a ideia destes líderes consistiam em avaliar o sistema educativo como um caminho para o desenvolvimento de um futuro esperado do continente.

Na fala dos nossos interlocutores, compreendemos a mesma insatisfação e preocupação de implementar o modelo que encaixa na realidade local, pois, o modelo importado não está conseguindo explicar as suas verdadeiras vivências. Conforme Ivo (2019):

> Se nós paramos para fazer uma retrospectiva da nossa trajetória escolar, podemos perceber que muitas coisas que aprendemos na escola não tem nada a ver com a nossa realidade. Porque o nosso currículo apenas fala da Europa. Mas é uma

> situação preocupante quando tem escola num país que não se ensina a realidade local ou na língua da comunicação de maioria da população, isso pode comprometer a identidade do aluno. Então devemos tomar muita cautela para que o saber da escola não venha se sobrepondo aos dos não escolares.

Essa colocação reflete que, o saber escolar não deve se sobrepor às práticas pedagógicas não escolares, caso contrário pode comprometer a identidade local e do próprio aluno.

A discussão dessa parte nos permite chegar à compreensão de que o sistema educativo no contexto guineense e, no caso específico na realidade Mandjaco, tem sido historicamente negligenciado e mal visto durante a presença colonial, em função da valorização do sistema educativo importado de ocidente, que sustenta retirar os nativos dos seus costumes ou desafricanizá-los, como se existisse ou houvesse uma única cultura ou forma de educação.

Então, no centro desse debate, os interlocutores apresentam a visão de que as instituições escolares são espaços bem novos nas suas realidades e que precisam ser pensadas e repensadas quando se trata do processo de formação e de socialização, pois, a educação escolar imposta pelo colonizador nos seus territórios não pressupõe torná-los educados e civilizados, porque a civilização não é algo fechado, mas, sim que contempla diferentes fontes de saberes e de conhecimentos.

3.2 Processo de Organização, de Sistematização, de Transmissão do Conhecimento e do Saber no Contexto dos Mandjacos de Calequisse

Abordar o processo de organização, de sistematização e de transmissão conhecimento no contexto dos Mandjacos de Calequisse é, sem dúvida, necessário para entendermos do que se trata dessa educação, que tipo de ensinamentos são repassados nesse contexto, lembrando que se trata de um grupo que têm os costumes ligados à tradição e a cultura oral. Porém, podemos considerar esse sistema de educação endógenas, porque, trata-se de uma prática desenvolvida dentro dos ambientes e da realidade local. A luz dessa informação, Hampaté Bâ (2011) sustenta que a educação denominada tradicional se dá no seio familiar, onde o pais, a mãe, parentes e as pessoas mais velhas também consideradas como mestres e educadoras, são as que demonstram as primeiras lições da vida às crianças; isso acontece não somente por meio das experiências e repetições, mas também através de cotações de história, fábulas, lendas, jogos infantis elaborados pelos iniciados como a forma de mergulhar no mundo de

conhecimento e das coisas. Entende-se que, os iniciados citados no texto de Hampaté Bâ se referem às pessoas envolvidas nesse processo de socialização.

No entanto, vale frisar que, nesse processo, os mandjacos desconhecem a figura do/a professor/a, pois acreditam que qualquer indivíduo adulto da comunidade, principalmente os mais velhos, pode desempenhar papel de educador, tornando-se, assim, mestres que se responsabilizam por orientar as novas e as futuras gerações. Por acreditarem que todos possuem o dever e o direito de educar, independentemente de pertencer à família biológica/pai e mãe da pessoa. Nesse ambiente todas as relações e as práticas se estabelecem em equilíbrio harmônico, de parentesco, da ancestralidade, dos elementos da natureza, dentre outras. Assim, Silva (s/d), afirma que, na tradição africana, todos adultos são educadores, atribuindo sentido ao provérbio africano, que diz que "para educar uma criança é preciso toda uma aldeia".

Assim, se trata de uma realidade em que a fala se constitui como elemento central das convivências. Quer dizer, nesse processo de transmissão do conhecimento ou saber, a oralidade se configura como elemento primordial, por ser grupo que desconhece a cultura de letramento. A partir dessa informação, Vansina (2010) afirma que a sociedade tradicional reconhece a fala não apenas como meio de comunicação do dia a dia, mas também como a forma de valorizar e preservar o saber da cultura, da tradição e dos ancestrais, ainda, segundo o autor, a palavra tem um poder misterioso, porque ela é capaz de criar e recriar coisas.

Pode-se dizer que, nessa realidade o processo de ensino e aprendizagem não obedece ao lugar, o tempo e nem os dias específicos para acontecer. Isto é, as redes de ensino e aprendizagem acontecem nas casas, ruas, nas pequenas matas, na aldeia, na família, nos grupos de trabalho, nas festas, lugares onde ocorrem cerimônias tradicionais e entre os demais espaços da interação entre indivíduos. Nessa mesma linha de ideias, Cá (2012) considera esse tipo de educação como espontânea e diária, que possibilita uma aprendizagem direta da realidade social, nesse processo o saber adquirido não é aberto ao mundo.

A par dessa informação, o entrevistado Ivo reforça a ideia de que, na sociedade Mandjaco à qual pertence, o processo de transmissão do conhecimento ocorre nos espaços "não formais", como: em casa, na família, barrakas de fanadu[13], balóbas[14], na aldeia, dentre outros lugares de referências:

[13] Lugar sagrado onde ocorre processo de iniciação.
[14] Espaço sagrado onde ocorre os rituais espirituais.

> Na sociedade tradicional a educação acontece em espaços não "formais", como: em casa, família, barrakas de fanado, balóbas, templos, terreiros, dentro de aldeia. Nesta sociedade os velhos são responsáveis pela educação das crianças e jovens. Onde aprendemos vários tipos de conhecimentos ligados a questão da honestidade, a dignidade, saber da cultura e tradição, respeitar o outro, conviver com a diferença, coesão social, e conhecer ao mesmo tempo compreender o meu papel na sociedade, na família e na comunidade. O que é diferente da sociedade ocidental, cuja característica da escrita é privilegiada como algo mais importante. As instituições responsáveis pela educação são escolas e universidades. Neste caso a educação teria como funções formar cidadão para desempenhar atividade profissional e remunerada exigidas pela sociedade (IVO, 2019).

Ainda, Ivo fez uma comparação, apresentando a diferença entre o ensino escolar e o ensino realizado dentro da comunidade e outros espaços não escolares. Na sua fala, entendemos que, o ensino escolar preocupa-se mais com a questão de formar os cidadãos para o mercado de trabalho para obtenção dos fins lucrativos, selecionando os conteúdos que devem ser ensinados definidos nos currículos para tais fins. Na sua visão, o ensino desenvolvido na comunidade, preocupam-se mais com a questão de prevalecer ou manter as relações com a tradição, a cultura, com a natureza, ancestrais, mundo visível e invisível. Ou seja, nesse processo não existem documentos escritos que determinam o que devem ser ensinados, a hora e os momentos, mas sim o que é necessário para se aprendido na vida no caso do contexto em pesquisa.

Brandão (2007) ajuda a afirmar aqui que não existe uma única forma transmitir o saber, mas, sim, várias maneiras de educar ou educações de sociedade para sociedade, de cultura para cultura, do grupo étnico para grupo étnico. Portanto, mesmo que aconteça fora do espaço de sala de aula, é um processo educacional válido e significativo que não deve ser desmerecido. Quer dizer, a educação é um processo que "não se realiza apenas na escola, mas fundamentalmente na vida, na relação com os outros e com os elementos na natureza tendo o fazer como principal metodologia pedagógica" (DAMIÃO; JUNIOR, 2008, p. 131).

Nessa linha de pensamento, Fonseca (1997) traz algumas informações a respeito de como acontece e é desenvolvido o processo educativo no contexto tradicional africana. Para esse autor, a educação nesse contexto é uma ação da integração, da prática, que faz a criança passar progressivamente da natureza à cultura e seguir seu destino, como explica o trecho abaixo:

> A educação africana no contexto tradicional é, sobretudo uma integração; trata-se, como efeito, de fazer passar o recém-nascido do cósmico para humano e o social. Em África, o ser é o ser-com o ser-pelos outros. […] a pedagogia desta educação caracteriza-se por tocar a criança na sua própria existência para fazê-la passar progressivamente da natureza à cultura e levá-la ao seu verdadeiro destino, ao seu espraiamento (FONSECA, 1997, p. 69).

A luz dessa colocação. Cá (2012) na sociedade tradicional, a pessoa não recebe educação apenas por um determinado período ou espaço, o indivíduo aprende ao longo da vida. Alguns autores no caso de Damião e Junior (2008) afirmam que, ação educativa é um elemento que circula no centro das relações, seja no seio familiar, na comunidade, na cultura, como forma de tornar os indivíduos comuns para bem coletivo.

Durante a pesquisa, foram levantadas algumas questões, entre as quais destacamos a questão dos valores que comprovam o indivíduo como educado na concepção desse grupo. Sebastião (2019) na sua colocação, mostra que ser educado ou não se verifica na, "distinção comportamentais dos indivíduos, ser educado é respeitar os valores culturais, mais velhos, tradição e ser obediente". Na concepção do Prosper (2019) os valores que regem o sujeito educado na sua comunidade, assim como na família, são reflexos, como respeitar, obedecer seus pais, os mais velhos e ser a pessoa da referência:

> Os valores que regem o sujeito educado na nossa comunidade assim como na minha família, realmente são reflexos e vários fatores indispensáveis a ter em conta, dentre da sociocultural e religiosa, uma conexão triangular através do processo da socialização entre, por intermédio da oralidade e aprendizagem, saberes: distinção comportamentais, respeito aos valores culturais, mais velhos, tradição e ser obediente (PROSPER, 2019).

Miguel compartilha a mesma informação, afirmando que ser educado é aprender ao longo da vida a respeitar as regras estabelecidas socialmente e culturalmente. Ser honesto, disciplinado, respeitoso, ter dignidade, ser humilde, conhecer o seu papel social e cumprir seus deveres:

> Na sociedade manjaco a pessoa aprende ao longo da vida, respeitar todas as regras estabelecidas socialmente e culturalmente, mais velhos, ser honesto, a dignidade, ter a disciplina, a humildade entre outras que são fundamentais na tradição mandjacos, em caso da desobediência ela e a família inteira correm risco de serem sancionadas que pode ser por meio financeira ou pelo isolamento, ou afastamento de todas as organizações, atividades, costumes etc., portanto respeitar e cumprir essas normas demostra que o indivíduo é obediente (MIGUEL, 2019).

Ainda, Miguel, fundamenta na sua fala que, se a pessoa não vier a cumprir as regras estabelecidas por desobediência, ela e a sua família correm o risco de serem sancionadas, isoladas ou impedidas de participar de todas as atividades e organizações comunitárias. Isso porque os Mandjacos não aceitam que as suas identidades, práticas e esforços sejam desmerecidos.

Levando em consideração as falas expostas, compreendemos que ser educado nessa comunidade significa saber respeitar as regras, ser obediente aos mais velhos não no sentido

de subordina-las, mas, sim, no sentido de tornar aquela pessoa dócil, sujeito que sempre está disponível para fazer ou realizar seus, assim que precisarem, pessoa de referência na comunidade. Então, os fatos testemunhados trazem mais clareza ao processo de socialização no contexto dos Mandjacos, bem como ser ou não a pessoa educada.

Como foi explicado logo no início, os Mandjacos de Calequisse, assim como qualquer grupo étnico na África, principalmente na Guiné-Bissau, desconhecem a cultura de letramento. Na visão do mundo desse grupo, os conhecimentos repassados são formulados e elaborados pelas mesmas segundo seus princípios e critérios, utilizando vários métodos para efetivação dessa prática, tendo em vista os diferentes espaços disponíveis para realização das atividades educativas. Ainda, esses conhecimentos não dispõem das disciplinas, horários, nem dias específicos para serem transmitidas. Isso porque, se trata de um grupo que estabelece suas práticas ações educativas por meio de diferentes vivências e acumuladas das experiências interpessoais.

Conectamos essa fala com o que Hampaté Bã (2011) nos diz os primeiros arquivos ou bibliotecas existentes no mundo foram os cérebros das pessoas, isso porque o indivíduo antes de colocar as suas ideias no papel, já realizava dentro dele um diálogo. Nesse contexto, o processo de organização e de sistematização do conhecimento não é visto como algo fechado, mas, sim, o processo que abrange diferentes fontes de conhecimentos, tanto da cultura, da política, das religiões, economia, arte, tecnologia, medicina, música, dança, jogos e brincadeiras, meio ambiente, natureza, ritos e rituais, veneração, dentre outras. Tudo isso visando a desenvolver os conhecimentos relacionados à realidade local no passado, presente e no futuro.

Ainda, nesse contexto, o processo de organização e transmissão do conhecimento acontece por meio das lembranças, da cotação de histórias, contos, lendas, mitos, fábulas, provérbios, advinhas, realização dos trabalhos entre outras formas que envolvem o processo de ensino e aprendizagem dentro da cultura oral.

A par dessa afirmação, Da Silva (s/d)[15], sustenta que estas estratégias educativas incluem o recurso à tradição oral, contos, lendas, mitos, recitas, fábulas, provérbios, advinhas, as cenas de vida quotidiana, as canções, as danças, aos ritos da iniciação, a simbologia, metáforas, amuletos, talismãs, invocações, bênçãos, as artes através das quais os neófitos aprendem permanentemente com os adultos e mestres.

[15] Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/17255/1/Educa%C3%A7%C3%A3o%20oficial%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o%20tradicional.pdf > Acesso em: 21 de agosto de 2019.

Ainda, nessa realidade, o processo de elaboração e sistematização do conhecimento é desenvolvido com base na preservação da identidade, da memória coletiva, individual, manter a tradição, conhecer os códigos cívicos, regras culturais, artesanato, ervas e plantas medicinais. Por outro lado, as práticas educativas desenvolvidas nesse contexto se resumem à formação do próprio indivíduo imitando o modo de ser, de estar, de comportar, de fazer dentro de um coletivo.

Essas afirmações são fundamentadas por Masandi (2004, apud DA SILVA, s/d.), o qual apresenta algumas caraterísticas dessa prática afirmando que: o sistema tem caráter global, sem compartimentação de disciplinas, facilitando a formação através da impregnação social, processando de modo espontâneo em todos os lugares e momentos, desde a intimidade familiar aos contextos públicos, sem horários e dias específicos, integrando rituais para se aceder a novos estatutos sociais.

Ademais, o autor sustenta que, o sistema é funcional, porque estabelece uma relação entre as necessidades da comunidade e as do indivíduo, realizada por via de experiências, aprendidas cotidianamente, em que ações dos adultos servem de referências aos mais novos. A prática também defende a diferenciação sexual, promove a dupla integração, fazendo com que o indivíduo se reconheça no grupo e na cultura. O sistema visa a preservar a identidade do grupo e manter a tradição, constituindo-se em um processo contínuo que se exerce desde infância à velhice.

Na obra de Brandão (2007), intitulada *O que é educação?* Assegura-se essa dinâmica de ensinar, mostrando que as pessoas que sabem, ensinam, orientam, incentivam, corrigem, punem e premiam. E as que não sabem, imitam, assim aprendendo aos poucos sucessivamente:

> Os (indivíduos) que sabem: fazem, ensinam, vigiam, incentivam, demostram, corrigem, punem e premiam. Os que não sabem espiam […] o saber que ali existe, veem fazer e imitam, são instruídos com o exemplo, incentivados, treinados, corrigidos, punidos, premiados e enfim, aos poucos aceitos entre os que sabem fazer e ensinar com o próprio exercício vivo do fazer (BRANDÃO, 2007, p.20).

Com base dessa colocação, entendemos que, durante o período colonial, essa forma de ensinar e aprender no contexto dos mandjacos foi negligenciado e desmerecido pelos colonizadores, com o interesse de programar o novo modelo educativo. Isso levou a esse grupo a conhecer a nova realidade de ensinar e aprender, como também as pequenas alterações em algumas das práticas tradicionais, como afirma Mendes (2014) com a educação colonial, a comunidade Mandjaco passou por um processo de transformação de alteração dos

seus valores, tendo-se refletido no novo redimensionamento das comunidades e no surgimento de novas instituições formais.

Para melhor compreender o assunto, é necessário, sem dúvida, dialogar com os entrevistados a fim obter mais informações a partir deles, o impacto que a educação colonial provocou nas suas vidas, socialmente e culturalmente. Nas suas falas revelam que através das leituras descobriram várias ideias e estereótipos escritos pelos ocidentais sobre o continente africano e o seu povo. Então, saber ler e escrever, nesse caso, seria também a arma de luta para enfrentar o inimigo, como afirma Pier (2019):

> Posso afirmar que, aprendi ler e escrever na escola, ainda por meio das leituras descobri e compreendi certas coisas e ao mesmo tempo crítico aos incertos e desconstruir aos pensamentos pejorativos sobre outras práticas não ocidentais. Para mim isso já é uma saída para combater os estereótipos (PIER, 2019).

Já para Sebastião (2019), a escola lhe deu a possibilidade de viver novas experiências, construir novas amizades, novas perspectivas de vida, saber ler e escrever, aliás, para ele, os conhecimentos que está a adquirir na escola vem multiplicando com o que já tinha de fora dela.

> A escola me permite adquirir novas experiências, novos saberes, novas amizades, novas perspectivas da vida permitem-nos ter uma visão ampla de coisas e capacidades de analisá-las. A escola educa, ensina, transforma e muda, sensibiliza, faz homens e mulheres de amanhã; ela faz-nos viajar num horizonte sem limites. O aprendizado que mais me marcou é saber ler e escrever. Ou seja, a escola é o complemento do que já aprendemos ao longo do tempo (SEBASTIÃO, 2019).

Portanto, a fala dos entrevistados traz o entendimento de que o modelo educacional ocidental, apesar das tantas violências físicas, mentais e psicológicas, também teve o seu aspecto positivo, porque possibilitou os Mandjacos a vivenciarem novas experiências, saberes, construir novas amizades, ler e escrever.

O tópico apresenta as informações de que os Mandjacos desconhecem a figura do/a professor/a, já que todos se envolvem no processo. E, na concepção destes, a pessoa educada é indivíduo que respeita e valoriza as regras estabelecidas culturalmente e socialmente, respeitar os mais velhos e as pessoas ao seu redor, a ser honesto humilde e digno são estes que caracterizam a pessoa como educada.

Nesse contexto, o processo de organização e de sistematização do saber abrange todas as áreas de conhecimento, tanto político, religiosa, economia, medicina, arte, tecnologia, meio ambiente, jogos e brincadeiras, cotação das histórias, lendas, fábulas, advinham, provérbios, dentre outras baseadas na realidade local.

3.3 As Fases do Desenvolvimento e da Formação Masculina no Contexto dos Mandjacos de Calequisse

O objetivo desse tópico é tratar das fases de formação masculina e feminina no contexto dos Mandjacos de Calequisse. Lembrando que se refere a um processo longo e complexo, porque abrange diferentes etapas, que começam desde o nascimento até a última fase de vida. São estas que determinam a passagem do indivíduo de uma faixa etária para outra e de uma classe para outra, comprovando a sua aptidão e amadurecimento ao longo de vida. Para Leister (2012, p. 162), a contagem dos anos da vida de uma pessoa ocorre de forma paralela, acrescentando-se os sinais que se evidenciam em seu próprio corpo. Mendes (2018), no seu trabalho apresenta que, na sociedade Mandjaco, a idade é estimada a partir de acontecimentos culturais, da estação de chuvas, secas e acontecimentos do convívio social do dia a dia.

Nessa sociedade a divisão da idade constitui fator fundamental no processo de formação. Ou seja, o indivíduo do gênero masculino ao longo do seu processo de desenvolvimento passa por diferentes fases/etapas de formação sendo estas:

- Fase de *upatch* (Criança), que começa de zero até 7 anos de idade;
- Fase dos *Baiafam* (Pastores), a partir de 8 a 14 anos de idade;
- Fase dos *Batasa Batis/Bandjandja* (Rapazes), a partir de 15 a 20 anos de idade;
- Fase dos *batasa baueke/Baniu-rute (*Rapazes grandes), de 21 aos 30 anos;
- Fase dos *batasa bantoi/ Baniu-Cor (*Homens), de 31 aos 40 anos;
- Fase dos *bantoi (*Homens grandes), a partir de 41 anos.

Contudo, existem outros estudos que apresentam essas fases no contexto Mandjaco de modos diferentes, no caso de Djaló (2012), na sua obra intitulada *O Mestiço e o Poder: Identidade, Dominações e Resistências,* apresentam essas fases em seis (06) categorias sento eles: Os *Bambelandu,* que são adolescentes de 8-13 anos. Os *Bagáque* de 14-16 anos. Os *bandjandja* os de 17-20 anos. Os *Baniu-Rute* que são homens de 21-30 anos. Os baniiu-Cor homens de 31-40 anos. Os *Baniu-Cor* a partir de 40 anos por diante. Vale frisar que, nesse contexto o autor não se aprofundou no assunto, apenas aponta como essas estão dividias por faixa etária.

Mendes (2018), na sua pesquisa intitulada *A Prática do Ucó: Cosmo-ontologia Manjaco sobre Materialização do Corpo na Diversidade Corporal*, apresenta essas classes

em quatro categorias: *Bandjadjam,* dos 12 aos 17 anos; fase de *Baniurutch*, dos 18 aos 35; fase de *Baconco*, dos 35 aos 50 anos e a fase dos *Bantoi* 50 em diante.

Importante ressaltar que, com base das pesquisas apresentadas é possível afirmar que a divisão das fases de formação tanto dos meninos quanto das meninas nessa sociedade varia de subgrupo para subgrupo, tendo em consideração a diferença que os mesmos apresentam. Então isso fica nítido nas definições de idades e nomes por cada fase nessa sociedade. Nesse casso, o trabalho foca nos Mandjacos de Calequisse como sendo objeto da pesquisa.

a) A Fase/Etapa de *Upatc* (0 aos 7 Anos)

Essa se refere à primeira etapa de formação dos homens. Nesta fase, a educação da criança vai depender muito das pessoas que a cercam, principalmente da sua mãe, por ser a quem mais estabelece contato direto com o/a filho/a, durante o processo de amamentação, que vai de zero a um ano e meio ou dois anos. Como também afirma Hapaté Bá (1981), no seu artigo "a noção de pessoa na África negra" no contexto Malianas, mostra essa aproximação entre mãe e filho/a durante esse período.

Djaló (2012) considera essa como primeira fase de socialização que começa do nascimento até ao final do aleitamento, ou cinco anos de idade. No contexto dos Mandjacos, a criança nessa etapa recebe muita atenção, principalmente no que concerne às orientações necessárias para o seu desenvolvimento psíquico/cognitivo e físico, como: A aquisição da linguagem mandjaco, expressão dos sentimentos, anseios, necessidades fisiológicas, andar, comer, vestir, tirar as roupas, calçar, descalçar, escovar os dentes, lavar as mãos antes de comer, seguindo as orientações e instruções dos mais velhos. A par dessa informação Hampaté Bâ a considera a fase como "pequena infância, período em que a pessoa em formação requer a maior quantidade de cuidado possível" (HAMPATÉ BÂ, 1981, p.03),

Vale frisar que, além dos cuidados que a criança recebe, também é educada para obedecer e respeitar os pais e a toda comunidade, quando ainda pequena, como também em chamá-las pelos nomes de respeito, como: pai, mãe, tia, tio, dona, mesmo não sendo família biológica ou parentes próximos. Isso para que as pessoas mais velhas não se sintam ofendidas ou desrespeitadas.

Na fala do entrevistado Sebastião (2019), a criança nessa fase aprende as regras sociais, como: higienização sobre tudo, obedecer aos pais e as pessoas mais velhas a sua volta e realizar seus pedidos.

> São ensinados e aprendem as regras associadas, à regulação da higiene ou à diversidade da alimentação, a criança é ensinada a evitar desobediência aos ensinamentos dos pais ou de outras pessoas mais velhas à sua volta capazes de levá-la a ser punido. Também começa a desenvolver, sobretudo os seus pensamentos, processando a informação de acordo com as instruções recebidas, aliás, começa a amar-se, a estimar-se ou a valorizar-se e a respeitar-se a si próprio e, sobretudo a ser obediente e a respeitar aos mais velhos. Nessa fase a criança tenta corresponder às exigências de perfeição racional da sociedade (SEBASTIÃO, 2019).

Sebastião considera essa como o período de adaptação da criança mandjaco, buscando se comportar e ser obediente aos maiores.

Vale frisar que, na realidade mandjaco, aprender a língua materna (mandjaco) é o fator principal para integração do indivíduo no convívio social do grupo, mesmo se a pessoa não nascer na aldeia, isso porque os mandjacos apresentam ser conservadores da identidade e da cultura de origem.

Na concepção de Fonseca (1997) a criança por meio de uma pedagogia dinâmica deve ser iniciada no conhecimento dos mitos e das linguagens secretas, conhecer os símbolos, segredos de vida e dos rituais. A criança deve aprender ofícios considerados como caráter fundamental na tradição africana. É nesse sentido que entrevistado Miguel (2019) nos apresenta que "em Calequisse, cada etapa de vida exige que o indivíduo adote um tipo de comportamento aceitável, e fazer trabalhos no qual a condição física permite|". Por um lado, é possível compreender na fala de Miguel (2019) que não há tanta rigorosidade a respeito do que as crianças devem aprender nessa fase, devido às suas idades, condições físicas e psíquicas. Nessa fase as mesmas são ensinadas a realizarem pequenas tarefas como: Buscar as lenhas nas matas para acender fogueira na época de frio, a qual recebe o nome dos *Batentch*- que significa os apanhadores das pequenas linhas, viajar o cultivo de arroz entre outras atividades como afirma:

> A Classe de Upatc ou a criança de 0 a 7 anos tem uma tarefa que é vigiar cultivo do arroz e amendoim, dependendo daquilo que os pais cultivam. Mas ao realizarem essa atividade, sempre recebem acompanhamento ou orientação dos mais velhos. Também, não há tanta rigidez, no que precisa de aprende, por estar no processo inicial de formação (MIGUEL, 2019).

De um lado ressaltou o papel dos mais velhos, que ensinam a criança a realizar atividades de acordo com a sua idade, como também, observam, participam e imitam as ações dos adultos. Nessa linha da ideia, Brandão (2007) sustenta que nas aldeias tribais as relações da criança com a natureza são orientadas por anciões detentores do saber, onde a mesma observa, aprende até os conhecimentos que estão nos gestos.

> Nas aldeias dos grupos tribais […] Todas as relações entre a criança e a natureza, guiadas, de mais longe ou mais perto pela presença de adultos conhecedores, são situações de aprendizagem. A criança vê, entende, imita e aprende com a sabedoria que existe no próprio gesto de fazer a coisa (BRANDÃO, 2007, p.18).

Durante as entrevistas, surgiram diversas explicações sobre a pessoa mais ativo nos cuidados dos filhos nesse contexto. A maioria dos entrevistados, no caso de Ivo (2019) sustenta ausência do pai no seu processo de socialização, mostrando que a mãe é quem cuida da sua educação porque por não viver muito tempo com o pai:

> A minha mãe foi a quem cuidava de mim […]. Posso afirmar que a minha mãe cuidou muito mais da minha educação, do que o meu pai. Tudo que sou hoje, devo a ela e os meus irmãos e primos por ter convivido junto com eles. Nesse processo, qualquer coisa que fazia de errado ela me chamava e conversava comigo a noite, dando exemplos e mostrando efeitos negativos daquele comportamento ou ato. (...), eu aprendi várias coisas com a minha mãe que não posso listar aqui, mas posso arriscar citando algumas principalmente os valores formativos do indivíduo entre os quais respeito, amor ao próximo, a verdade, reconhecer o seu erro, saber comportar perante os mais velhos, conhecer o seu limite enquanto criança. Teve um acompanhamento ativo por parte da minha família (IVO, 2019).

Por outro lado, é possível compreender que ausência do pai pode acontecer não por motivos de abandonos, mas também por questões de falecimento, viagem, divórcio dos pais entre outros motivos. Nesse caso, o pai ou a mãe com apoio dos outros parentes acabam por responsabilizar da educação dos filhos/as na ausência de um ou da outra. Como podemos compreender no depoimento de Miguel (2019) que sustenta ser educado pela mãe, avó, tios paternos, após perder o pai aos 4 anos de idade:

> Eu perdi o meu pai com 4 anos e fui criado pela minha avó paterna, mãe e tios. Recebi deles/as, as orientações necessárias, sempre conversam comigo, me davam conselhos, sobre respeitar os mais velhos, me ensinaram aprender saberes e valores culturais. Eles me educaram para me tornar pessoa obediente, digno entre outras (MIGUEL, 2019).

Outro entrevistado, Posper (2019), apresenta a mesma situação de paternidade ausente, por motivos da separação e imigração:

> A pessoa que cuidou da minha educação foi a minha mãe e meus irmãos não viveram muito tempo com o meu pai, além de separar com a minha mãe, ele é imigrante, vive em França. O processo ocorreu em casa assim como fora dela, no caso da escola. Com eles aprendi a cuidar de mim e prosseguir meus objetivos. A coisa mais importante que aprendi na minha família é a complexidade da vida e das escolhas que devemos fazer e quanto elas podem marcar a nossa vida inteira (POSPER, 2019).

Com relação à fala dos entrevistados sobre o papel da mãe, dos tios e primos nos seus processos educativos, Hampaté Bâ (1981) no seu artigo *A Noção da Pessoa na África Negra*, mostra que, na tradição africana, o papel da mãe na procriação e depois do nascimento do filho é maior que do pai. Ainda, segundo o autor, a criança desde o ventre da sua mãe e mesmo depois do nascimento continua a receber os cuidados da sua geradora tradicionalmente durante dois anos, só depois de dois anos e nove meses de vida que ela vai deixar de precisar da sua mãe para se alimentar:

> A mãe, depois de ter desenvolvido a criança dentro do seu útero durante nove meses, continua a cuidá-la, tradicionalmente, durante vinte e quatro meses. Assim, somente após de trinta e três meses de existência que a criança deixa de precisar de sua mãe para se alimentar e puder fazê-lo diretamente sem tomar qualquer complemento vindo dela (HAMPATÉ BÂ, 1981, p. 2).

Então, com base do que foi apresentado conclui-se que, a mulher na sociedade Mandjaco é vista como a pessoa a quem fica mais ligada a cuidado dos filhos/as a relação à o homem. A presença de uma mãe é muito fundamental no processo de desenvolvimento do filho/a.

Com isso, concluímos que, a criança de zero a sete anos, já começa, a saber, obedecer, respeitar os adultos, realizar atividades que correspondem à sua idade, físico e psíquico. Ela também vai ganhando as experiências de viver e de estar na comunidade. Após, dessa o indivíduo passa por segunda fase abaixo mencionada.

b) A Fase dos Baiafam (8 a 14 Anos)

Os *baiafam* designa um grupo dos meninos de faixa etária entre 8 aos 14 anos de idade. Nessa fase, os meninos são orientados a conduzir os gados ou atividade pastoril. O próprio nome remete a essa atividade. Como também afirma Fonseca (1997) que nessa fase as crianças são orientadas a desenvolver atividade *Pastoril.*

Mas, é interessante ressaltar que, além das atividades pastorais, os mesmos começam a aprender a realizar atividades de lavoura, subir palmeira, pescar, caçar, limpar a mata, a terra para lavoura, capinar, fazem o comércio, treinamento corporal por meio de luta atestando seus estados físicos, entre outros considerados como atividades formativas. Essas afirmativas podem ser confirmadas na fala do entrevistado Miguel (2019) a qual afirma que, “os indivíduos a partir dessa fase, além de realizarem atividade de baiafam (pastoral), começam já apreender trabalhar, sobretudo de lavoura e subir palmeira que são uma das

atividades econômicas fundamentais" para o sustento da família mandjaco. Vale frisar que a atividade Pastoril na sociedade mandjaco não é apenas destinada a essa faixa etária. Como sustenta o entrevistado Pier (2019):

> Geralmente os meninos a partir de 8 aos 14 anos são denominados de baiafam, porque na época da chuva, quando os donos de gados ou os pais se preparavam para ir as matas ou campo de lavoura e bolanhas, por suas vezes esses jovens levam gados para um espaço verde de pastagem para evitar seus gados, afim de não estragar lavoura nas bolanhas e nas matas. Contudo, a Pastoril não era atividade exclusivo a essa camada, depende se a família tiver o número suficiente de adolescentes ou na vizinhança para isso, caso contrário, qualquer um pode o fazer (PIER, 2019).

Ainda, Vale frisar que, nessa fase, os meninos são oferecidos conhecimentos religiosos, saberes sobre a comunidade, a forma de enfrentar a vida cotidiana, a tradição, a dignidade. Nessa fase, os mais velhos assumem e desempenham o papel de mestres educadores, transmitindo os *Baiafam* as experiências da vida e outros conhecimentos importantes para formação humana. Para Pier (2019), "os baiafam aprendem conhecer e respeitar valores culturais, ter éticas, ser honesto, humilde, aceitar conselhos dos mais velhos, respeitá-las dentre outras que não *lembro"*. Acrescento, dizendo que, na tradição dos Calequissenses, o indivíduo também é socializado através de *djumbai* (diversão) que é comum nesse processo.

A discussão dessa parte nos traz certo clareza do que os meninos nessa fase precisam ser ensinados tipos de ensinamentos que recebem durante o processo. No fim dessa fase a criança passa para outra nova fase de socialização abaixo mencionada.

c) A Fase dos Batasa Batís: (15 a 20 Anos)

Na sociedade Mandjaco**,** os *Batasa Batís* significam rapazes menores. Trata-se da fase em que os jovens vão seguindo e aprendendo os conhecimentos os códigos civis, integrar-se nos grupos de trabalho agrícola, organizações comunitárias, fazer parte dos encontros, nos conselhos locais, nas cerimônias dos cultos aos espíritos principalmente na *bcuit,* que é um ritual realizado em prol de chuva abundante, boa colheita, saúde, paz, proteção.

A mesma ideia foi frisada por Somé (2007), que faz seu estudo sobre o povo Dagara, em Burkina Faso. A autora mostra que, na sua aldeia, as crianças aprendem sobre intimidade e ritual desde o nascimento. Caso semelhante na sociedade Guineense, em especial na sociedade dos mandjacos de Calequisse.

Entre estes rituais, podemos mencionar *Cambatch* (iniciação) o ritual de passagem, masculina conhecido como *fanado*. Nessa sociedade o ritual é conhecido como um do mais sagrado. Por essa razão, é realizado em um lugar longe da aldeia denominada de (mata sagrada), onde os que ainda não foram iniciados, não podem ver e presenciar o ato cerimonial, sob pena de correr risco de perder a vida ou fazer cerimônia para purificar.

Durante o ritual, os jovens permanecem três meses na mata sagrada, viajados por homens grandes, onde são estabelecidos os critérios que os iniciados devem seguir, assim como conhecer as árvores úteis, as venenosas, as sagradas, colher frutos, etc. (DJALO, 2012). Além dessas atividades, também começam a aprender os segredos sobre caçar, pescar, cultivar a terra, plantar árvores construir as casas, capinar as palhas para cobrir e vedar a casa, limpar a horta da cajueira. Também aprendem a conhecer os segredos sobre plantas medicinais dentre outras.

Na tradição Mandjaco, o fanado, além de ser um momento de formação, de ensino e aprendizagem, ele é uma cerimônia muito importante para o homem conseguir um estatuto social e respeito. Caso a pessoa ainda não tenha passado por ele, lhe é restrito a participar em certas tomadas de decisão, participar nos conselhos da aldeia e nas cerimônias ritualísticas.

Para Djalo (2012), ao jovem antes de ir ao fanado é tolerado os maus comportamentos, porque nesse período os seus maus atos são vistos como doença da infância, mas após o fanado é obrigado a se comportar de forma correta e equilibrada, pois "é durante fanado que o indivíduo se torna consciente da sua personalidade e da sua posição na sociedade" (DJALO, 2012, p.33). A par dessa informação Hampaté Bâ (1981) afirma que, na tradição africana a iniciação tem um propósito de dar à pessoa um poder moral que a condiciona e ajuda a realização perfeita e total do indivíduo. Ademias entende-se que a "iniciação é um sistema educativo que tem como objetivo a integração progressiva do indivíduo no seu meio, ajudando-o a conhecer a sua história e a sua cultura" (FONSECA, 1997, p. 24).

Para Leister (2012, p.165), "durante o período em que os jovens ficam afastados da comunidade, cumprindo os compromissos iniciatórios, recebem os segredos da vida sexual, social, religiosa e política". Por esse motivo que é necessário reconhecer o papel do ritual na formação dos jovens, por ser considerado "um processo de integração sociocultural e religioso, necessário à vivência nas comunidades sócio histórico e a sobrevivência dos códigos que a regem, nomeadamente no que se refere ao conceito de direito e deveres e responsabilidades" (FONSECA,1997, p. 25).

É importante destacar que os ensinamentos que ocorrem nesse processo acontecem na base da oralidade. Porque os Mandjacos acreditam que o verbalismo guarda segredos de tradição, que só eles são capazes de decodificá-la. Para Vansina (2010), o verbalismo é o que vai marcar a diferença entre as fontes escritas e as da tradição oral. Também sustenta Hampaté Bâ (1982 apud SEMEDO, 2010, p.78) que "a oralidade que faz nascer a escrita e tanto se pode pôr em causa um texto escrito quanto um texto oral".

Portanto, a discussão dessa parte se limita em descrever as informações básicas sobre o fanado, até porque não há informações profundas sobre o assunto, isso por ser um ritual coberto de segredos irreveláveis, assim como também foi percebido durante as entrevistas, por não aceitarem expor as informações a respeito do assunto.

Vale destacar que, no fim dessa fase, os jovens se apropriam dos conhecimentos suficientes e necessários para a vida, como trabalho agrícola, lavoura, conhecimentos sobre códigos cívicos, vida sexual, moral, política, religiosa se apropriam dos conhecimentos sobre as árvores úteis, as venenosas, as sagradas, colher frutos, conhecer plantas medicinais, caçar, pescar, cultivar a terra, plantar árvores, construir as casas, capinar as palhas para cobrir e vedar a casa, limpar a horta da cajueira. Assim como tornar conscientes das suas personalidades e das suas posições na sociedade, como também gozar dos seus direitos e fazer seus deveres.

d) A Fase dos Batasa Baueke/Baniu-Rutse: (de 21 a 30 anos)

Para os Mandjacos, os *Batasa Baueke/Baniu-Rutse* constituem uma fase formada por homens entre 21 a 30 anos de idade. Djaló (2012) caracteriza essa como a quarta fase de formação dos homens, que determina entre o fanado e término da maturidade para matrimônio, no contexto das etnias animistas, a qual os mandjacos também fazem parte.

Na mesma ordem da ideia, Fonseca (1997) denomina a fase dos *ba-tasa ba-ueke*, quer dizer, os rapazes grandes a partir de 21 a 30 anos de idade. Para esse autor, a partir dessa idade, os rapazes são permitidos assumir o matrimônio, responsabilidades sociais, garantindo seus deveres, direitos cívicos e políticos. Nota-se que, há uma variação nas escritas destes nomes, mas apresentam o mesmo sentido.

Trabalhamos com estes autores porque, não conseguimos encontrar matérias para sustentar o nosso trabalho. Mas esses, também são fundamentais nessa pesquisa, já que abordaram assuntos semelhantes à do grupo étnico mandjaco de Calequisse.

Segundo critério do grupo, os jovens a partir dessa idade, participam nas tomadas de decisões na comunidade e são vistos e considerados homens aptos para enfrentar os desafios e solucionar os problemas capazes de afetar a vida comunitária. Ainda nessa fase, os mesmos são orientados a assumirem o matrimônio, aplicando os segredos sobre a vida sexual, política, religiosa entre outros conhecimentos adquiridos nas fases anteriores. Contudo, hoje, algumas normas estão se perdendo aos poucos, tendo em conta a modernidade que assola a sociedade. Após essa fase, os jovens se integram na nova fase abaixo mencionada. Lembrando que o processo de socialização nesse contexto é contínuo, quer dizer, não existe o tempo determinado para que a pessoa seja socializada.

e) A Fase dos Batasa Bantoi/Baniu-Cor (de 31 a 40 anos)

É uma fase de formação, que congrega os homens da faixa etária entre 31 a 40 anos. Nessa fase, os indivíduos passam a ser compreendidos como pessoas experientes para liderar e orientar a comunidade, como também orientados pelos que estão na frente. De acordo com Fonseca (1997), durante essa etapa, os homens se preocupam ser iniciados a ka-tasa, já as mulheres com casamento, referindo nesse caso, a sociedade mancanha. Apesar disso, é possível perceber que a realidade do grupo étnico mancanha não é tão distante da dos mandjacos, isso porque compartilham as semelhanças em alguns dos seus costumes e práticas.

Simões (1935) considera *ca-tasa* como um ritual em que os rapazes são ensinados diferentes tipos de atividade, como: exercícios físicos, lidar com a vida social, obedecer às regras jurídicas, dirigir a família, dentre outras. Ainda, autor, a realização do ritual de *ca-tasa* consiste em matança de gado e bovinos, e é liderado pelos anciãos.

Vale ressaltar que, hoje, os Mandjacos de Calequisse não realizam mais esse ritual, isso deve ser motivado por dinâmica cultural, como também as questões burocráticas exigidas para sua realização como: gastos econômicos, preparação física e espiritual dos futuros iniciados, questão de proteção, evitando males que poderia acontecer ao longo da sua realização, entre outras.

Pois, muito antes da sua realização, os meninos e meninas são orientados a dormir em uma casa chamada *Baniu*[16], separadas por gênero em seus respectivos quartos, onde são vigiados/as e proibidos/as a praticar o ato sexual, durante esse período. Antigamente, *ca-tasa* era a fase que determinava o casamento, mas não quer dizer que os jovens não podem manter

[16] Classe de idade ou agrupamento das pessoas por faixa etária.

relação sexual antes de passar pelo mesmo. Simões (1935), os jovens após de circuncisão ou iniciação, são permitidos manter relação sexual. A única coisa que não são permitidos é o casamento logo depois da cerimônia da *catasa*. Para o autor, após de *ca-tasa* os banio-cór vivem em *mancebia* (solteiro) durante oito meses, somente no mês de janeiro do ano seguinte que são orientados primeiro a construir a casa onde irão habitar com as suas futuras mulheres. Caso o homem se apaixone por mais de uma menina, deve recorrer ao conselho do *irã*[17], para lhe indicar qual delas deverá casar. Caso forem indicadas todas, casa-se com todas elas.

A primeira mulher nesse caso seria *namaca*-dona da casa, que dispõe de privilégios de gozar da categoria, como dona da casa e a mais privilegiada que as outras. É ela quem controla todos os bens do marido, enquanto as outras são simples procriadoras e trabalhadoras. Em caso da infidelidade por parte da mulher, será punida com a repetição do ato, perante o público com o sedutor. Após a punição, a mulher somente poderá regressar à casa quando os seus móveis e utensílios que antes utilizava forem retirados da casa (SIMÕES, 1935).

Vale ressaltar que esse tipo de comportamento não é mais recorrente na sociedade Mandjaco. Por um lado, podemos perceber que todas essas limitações têm a ver com as normas estabelecidas pelos mesmos. Porque na sociedade Mandjaco, a mulher é educada para gostar apenas de um homem, salvo se o marido vier a falecer, nesse caso, lhe é permitida a casar com irmão do ex-marido. A escolha do irmão do marido é feita pelos familiares do ex-marido, ou seja, quem escolhe o marido com quem ela vai se casar é a própria família do esposo, em particular "os anciãos de família (*bantohi/bantoi*) […] que escolhem quem deve herdar a viúva" (MENDES, 2014, p. 110).

Na tradição Mandjaco de Calequisse, a mulher precisa de aceitar casar com o irmão do marido, a fim de poder ter o apoio do mesmo, para sustentar e manter a educação dos filhos. Caso contrário, corre o risco de deixar a casa do antigo marido e filhos/as caso estiver. Esse tipo de casamento é chamado de *Pidj/pidja*[18], que significa herdar na língua Mandjaco.

Vale ressaltar que, atualmente, esse tipo da prática está se perdendo cada vez mais, pois, algumas mulheres, após a perda do marido, optam por não serem herdadas, nesse caso devem procurar outra pessoa para namorar ou se casar. Evitando nesse caso, as consequências negativas que poderão acontecer ao longo da união.

Por um lado, em maioria dos casos, é percebido que algumas mulheres casaram por essa via em sua sofrem muito e recebem pouca atenção do marido. Mas também é possível

[17] Entidade
[18] Casamento herdado

verificar que algumas delas são amadas e recebe atenção do marido, independentemente de ser ou não mulher herdada.

Trazer as informações sobre o casamento nessa pesquisa é de extrema importância, pois, ao falar desse processo no contexto dos Mandjacos não se pode distanciar da cerimônia de casamento. Isso porque é compreendido como momento do ensino e aprendizagem em que os noivos, principalmente a mulher recebe as orientações e conselhos sobre, cuidar da casa, da roupa do marido, respeitar o marido e as pessoas que lá vai encontrar, principalmente de não trair seu marido, dentre outros ensinamentos necessários que o/a noivo/a deve levar para vida marital.

Por um lado, o casamento tradicional é um momento muito importante na vida do homem como da mulher, ele é concebido como a forma do indivíduo ganhar respeito e prestígio na sociedade. Aliais, na sociedade Mandjaco, há cerimônias que contam apenas com a participação dos homens e mulheres casados. Sem mais delongas, saliento que, essas informações serão aprofundadas nos próximos itens.

Essa seção nos dá o entendimento sobre como os homens são socializados e os conhecimentos que os mesmos recebem ao longo dessa fase. Também podemos perceber que o tempo cronológico estabelecido socialmente e culturalmente para cumprir certos rituais sofreu pequenas mudanças, sendo que a cultura não é uma prática fixa, haja vista que as coisas mudam de acordo com o tempo. O que não significa a perda da essência organizacional ou cultural das mesmas. Após essa fase, o homem é sujeito a se inserir na nova fase de formação abaixo mencionado.

f) A Fase dos Bantoi[19] a partir (de 41 anos por diante)

Na concepção dos Mandjacos, a fase dos *bantoi*[20] é formada por homens grandes a partir de 41 anos por diante. Fonseca (1997) considera essa fase como dos *bantõ*[21]. Guardiões de conhecimentos, conselheiros, transmissores do saber, assim como aqueles que orientam, que protegem e cuidam da vida da povoação. Djaló (2012) considera a mesma como a quinta e última fase de formação, na qual a pessoa adquire o estatuto de homem grande (sábio), que representa o conselho dos anciãos, responsável para dirigir os assuntos da comunidade.

[19] Homens grandes na língua mandjaco.
[20] Homens grandes na língua mandjaco.
[21] Homens grande na língua mancanha.

Nessa fase, os homens grandes recebem toda atenção, tratamento especial, apoio, ofertados da comunidade, como recompensa das suas boas ações, como também pelas suas idades, isso porque os Mandjacos respeitam a velhice, os velhos nessa sociedade são vistos como deuses.

3.4 As Etapas/Fases de Formação Feminina

Nessa subseção, discutimos as etapas de formação feminina no contexto dos Mandjacos em pesquisa. Segundo relatos do grupo compreende-se que a mulher Mandjaco, durante o seu processo de crescimento, é sujeita a passar por cinco etapas/fases de formação, sendo elas:

- A Fase de *Upatch* ou *Bampili balunt*, crianças pequenas (de 0 aos 07 anos de idade);
- A fase de *Bampili Batiínk*, a partir de 08 a 12 anos de idade;
- A Fase de *Bampili bauek ou badjin'al*, a partir de 13 aos 24 anos;
- A Fase *de Banoiba ou bacatch bambucari* – mulheres casadas e paridas a partir de 25 aos 45 anos;
- A Fase de *Gkatch Gtchaf-* mulheres grandes a partir de 46 por diante.

Mendes (2018), em sua pesquisa, também dividiu estas fases em cinco categorias, como apresenta no trecho abaixo:

> As faixas etárias femininas recebem outros nomes: aos 12 anos, Bampili Batiínk; aos 17, Bapili Pilanghan, que se refere apenas à mulher virgem; Baueack Planghan, dos 18 aos 25; dos 25 aos 50 anos, Batiíma (casadas); dos 50 anos em diante, Bak.atch Batchafal e por último, crianças, Upatch; o grupo dos adultos, Bantoi e Bakatch batchafal integram um conselho de anciãos que representa a aldeia (MENDES, 2018, p. 70).

No trabalho dessa autora, é possível perceber pequenas variações linguísticas em alguns nomes, assim como nas idades que determinam cada etapa ou tempo cronológico. Isso porque se trata de uma pesquisa voltada a subgrupo dos Mandjacos de Canhobi. Como foi explicado anteriormente, os Mandjacos apresentam a diversidade em algumas das suas praticas, mas também compartilham em outras.

Nesse caso, os Mandjacos de Calequisse denominam a primeira fase de *Upatch* ou *Bampili balut,* mas, vale frisar que, não é um estudo comparativo entre os mandjaco, mas sim uma pesquisa que apoio nos outros estudos mesmos não seja dos que

falam diretamente da realidade dos mandjacos em pesquisa, mas, que trazem algo semelhante ou comum da nossa pesquisa.

a) A Fase de *Upatch* ou *Bampili balut* (crianças ou infantis a partir de 0 aos 07 anos):

A fase de Upatch ou Bampili balut congrega as meninas a partir de 0-7 anos. Na sociedade Mandjaco, durante esse período, as crianças meninas começam a aprender a língua Mandjaco, chamar coisas básicas como *aia*-mamãe e *papá*-papai, entre outras, tal como vimos na primeira fase de formação dos meninos. Na tradição mandjaco a criança nessa fase está sujeita a receber todas as orientações necessárias para seu desenvolvimento, aprende as normas que regem a forma de viver, de comportar, de se relacionar, ser e estar na sociedade, como também realizar pequenas tarefas, como varrer, lavar pratos, realizar pedidos dos mais velhos, participar nas rodas de cotação da história dentre outras.

Segundo relatos desse grupo, a criança até nessa fase não é exigida com rigorosidade a realizar qualquer atividade, já que se refere à fase inicial do processo de formação e do desenvolvimento físico, psíquica e cognitivo como foi frisado anteriormente. Ao fim dessa fase, a criança se insere na nova fase, chamado *Bampili Batiínk*, que é a segunda fase de formação feminina.

b) A Fase de *Bampili Batiínk* de (08 a 12)

Essa fase é formada por meninas a partir de 08 a 12 anos de idade, as quais são consideradas como garotas ou pré-adolescentes. Durante a fase, as mesmas seguem as orientações das mães e outras pessoas ao redor, aperfeiçoando as atividades, como lavar a loisa, varrer a casa, transportar a água, cozinhar, lavar suas roupas, pescar, buscar as lenhas na mata, cuidar dos/as irmãos/as menores, em quanto as mães realizam atividades, como: agrícolas nos lugares de plantação arrozeiro e de amendoim, dentre outras, para manter o sustento da família. Isso porque as meninas são vistas como referências dos menores, tal como afirma Cá (2012, p.186):

> Além dos pais, no caso dos meninos, e das mães, no caso das meninas, as irmãs ou os irmãos também são vistos como referência para essas crianças, sem esquecer que também outros adultos da família podem participar desse processo de ensino e aprendizagem, visto que se tem a informação de que o pai ou a mãe não são as únicas figuras que podem dar instrução aos filhos, toda a família também pode orientar os iniciantes de vez em quando. Essa talvez seja uma das grandes diferenças

> que existem entre a educação tradicional africana e a educação formal de base europeia: essa união familiar e essa prática sistemática de educar as crianças é o que garante a assimilação desse conhecimento.

Além das atividades acima mencionadas, as *Bampili Batiínk* também aprendem ou recebem as orientações de como transportar ou carregar água no poço para atividade de casa e de irrigação das frutas, legumes nas hortas e para rizicultores nos lugares de lavoura. Ainda, nessa fase, as meninas aprendem fazer atividade de *canet-gputcha-* Limpar os mariscos do mar para alimento da família, realizar atividade de *psom-* (Descascar ou limpar arroz) e todas as atividades.

Na sociedade Mandjaco, as meninas nessa fase começam a formar os grupos de trabalho, de forma de coligação para ajudar umas às outras nas diversas atividades agrícolas, principalmente de adubação ou preparação do solo para lavoura antes do começo da chuva. No fim da época chuvosa, inícios da época da seca, no período em que o arroz começa a dar semente, são orientadas a realizar atividades de vigia dos pássaros no lugar de plantação como foi explicado antes. Vale frisar que, na sociedade Mandjacos, muitas atividades dessa natureza são realizadas em grupo.

Durante essa fase, as *Bampili Batiínk* são cobradas a aprender cuidar delas mesmas, ter noção dos seus papeis na sociedade e na comunidade. Mas, vão continuar a receber as orientações e acompanhamento dos adultos, evitando nesse caso desorientação em termos de comportamento e da realização das atividades que não correspondem às suas condições físicas, psíquicas, cognitivas, assim como desvios das regras educativas estabelecidas socialmente e comunitariamente. Como afirma Cá, há todos os cuidados para não obrigar a criança a fazer uma atividade antes do tempo, caso contrário pode causar problemas nos seus órgãos. Essa é uma das razões pelas quais cada etapa de formação é controlada pelas senhoras ou adultos mais experientes da morança.

> Há todo esse cuidado para não forçar a criança a fazer uma coisa antes do tempo; colocar uma criança de quatro anos para carregar um balde de água, por exemplo, não é certo; porque isso pode causar sérios problemas ao seu tórax. Por essa razão, todo o processo de educação vai ser controlado pelas senhoras mais experientes ou por um adulto da morança (série de habitações reunidas de um agrupamento familiar) (CÁ, 2012, p.175).

Importa ressaltar que os Mandjacos têm costume de dividir as funções conforme o estado físico, social, principalmente por gênero. Entre estes, existem grupo de trabalho das

meninas, dos meninos, das mulheres casadas, mulheres não casadas, jovens, adultos, assim por diante, como afirma Mendes (2018, p.72):

> Entre os manjacos existe uma organização das atividades, que obedece a uma divisão sexual do trabalho. Por exemplo, as colheitas são levadas a cabo pelas mulheres. Iniciam em novembro e continuam até fevereiro, altura em que os homens regressam os rios para a sua preparação para a sementeira que se avizinha, com especial atenção, à manutenção e construção de represas drenagens. Em abril, as mulheres fertilizam a terra com excrementos de vacas. Com as primeiras chuvas de junho, o homem prepara o viveiro e a mulher transplanta o arroz para o rio. Dedicam-se todo o ano à cultura do arroz: terminado o tempo da colheita, inicia-se o tempo da manutenção do terreno que termina a tempo do início de um novo ciclo de cultivo. Assim, os homens se dedicam à agricultura, as mulheres fazem o óleo de palma.

É necessário frisar que, para os Mandjacos, o trabalho em grupo é visto como momento de fortalecer os laços de amizade, coesão social, momentos de ensino e de aprendizagem, de trocas das experiências das vivências do dia a dia, momentos em que ocorrem conselhos, promoção de clima de respeito, de solidariedade e de boa relação entre os indivíduos.

Interessante apresentar que, na sociedade Mandjaco, a divisão do trabalho nem sempre é entendida como a forma de diferenciar o homem e a mulher, mas, sim, das mulheres construírem as suas identidades como mulheres e os homens como homens. Somé (2007) reforça a mesma ideia, dizendo que "aceitamos a tradição que as mulheres devem trabalhar com as mulheres para construir uma identidade feminina, e que os homens devem trabalhar com os homens para construir uma identidade masculina" (SOMÉ, 2007, p. 51).

Até nessa fase as meninas já sabem fazer algumas atividades ligados ao mundo das mulheres, que já foram mencionadas, e ter conhecimento básico de alguns pratos típicos, como cozinhar arroz branco, fazer molho branco de *canet-gputcha* (em crioulo carmussa) (em português marisco). Mas, até nessa fase ainda, não aprendem a realizar atividade de plantação de arroz, por ser uma atividade desafiadora, que exige das mulheres as técnicas e cuidados para sua realização, caso contrário pode provocar os danos à sua produção. Após essa etapa, as mesmas se inserem na nova fase, denominada fase de *Bampili bauek ou Bampili badjin'al.*

c) A Fase de *Bampili bauek* ou badjin'al

Segundo explicação desse grupo, a fase de *Bampili bauek ou badjin'al* congrega as meninas a partir de 13 aos 20 anos de idade, que também podem ser consideradas como

adolescentes ou pré-adultas. O grupo considera essa fase como a terceira etapa de formação feminina, entendida como uma das mais importantes e mais emblemática na vida de uma mulher, isso porque, se refere o período da puberdade, em que o corpo da mulher vai sofrer muitas transformações. Devido a isso, as meninas recebem várias orientações, principalmente sobre cuidar e cobrir o corpo, controlar a menstruação, não vestirem roupas curtas e transparentes.

Na concepção do grupo, a partir dessa fase as mesmas são exigidas ou obrigadas aprenderem todos os saberes e atividades ligados à vida feminina principalmente no casamento, pois, nessa sociedade, a mulher é responsável por organizar e orientar a família, caso não passar por estes ensinamentos pode sofrer no futuro.

Conforme relatos desse grupo, as responsabilidades da mulher, a cada fase da sua vida, vão aumentando e ela vai adquirindo novas experiências e estatuto social. Vale frisar que, antigamente, a partir dessa fase, as meninas já começam a aprender a plantar arroz, explorar olho palma confeccionar os recipientes de barros ***(****iliki ou piliki), itukar* (panelas de barro), *Iquem, Idjatch, Itchaa, Gbasa* (cestos e esteiras feitos de ramo da palmeira sabal) e todos os materiais necessários para uso pessoal, isso por ser a fase preparativo para o casamento. Para Mendes (2014), antigamente as meninas até nessa fase eram consideradas virgens, quer dizer a fase antes do casamento. Hoje, com a influência da modernidade e colonização algumas práticas não perderam os seus costumes originais.

Com outras palavras, a mulher no período anterior ao casamento, é orientada a trabalhar para comprar as roupas, panos, cobertores ou lençóis, toalhas de banho, panelas, pratos, bacias, colheres, entre outras para o seu uso pessoal. É importante ressaltar que, isso se resume mais na questão de orgulho para mulheres mandjacos. Segundo relatos desse grupo, antigamente, até nessa fase a mulher já era escolhido o marido com quem viria a casar, segundo essa tradição a escolha da noiva é feita antes do menino ou menina nascer ou quando era ainda bebê, significa que a escolha do parceiro/a não depende dos noivos, mas, sim, dos pais, familiares e outros parentes próximos.

É importante frisar que, hoje, essa prática está se perdendo cada vez mais, pois percebem que esse tipo de casamento, na maioria das vezes, gera problemas entre os casais, por não serem os autores dessa união, e quando não é da vontade dos dois, acaba de influenciar a instabilidade no casamento. Como reafirma Mendes (2014), hoje em dia, as meninas e meninos optam por fazer as suas próprias escolhas e depois informar aos pais e

parentes. Quer dizer, a escolha dos cônjuges passou a ser opção dos noivos, e depois informar os familiares e parentes.

Conforme Honwana (2014, p. 402) "o casamento e a maternidade continuam a ser marcos importante da vida adulta feminina". Interessa destacar que, na realidade desse grupo, o casamento não se resume em apenas ir morar com o marido, ou seja, para uma mulher ser considerada oficialmente casada é obrigada a passar por vários rituais, ou realizar a cerimônia de casamentos, denominada *catulabnim/calutuguingue*[46]. Como afirma Mendes (2014, p.110) "torna-se numa mulher casada depois de realizar o ritual de casamento denominado *catul/uguingue".*

Este ritual é o que comprova a união ou aliança do marido e da esposa, assim como de duas famílias, isso porque, na tradição desse grupo, o casamento não depende apenas do gosto de dois indivíduos, mas também da vontade de ambas as famílias, dos espíritos e ancestrais, em caso de um dos familiares não concordar, o ritual corre risco de não acontecer.

O tópico nos traz o entendimento de como ocorre o processo de socialização as orientações que a mulher mandjaco recebe durante o seu processo de socialização. Portanto, conclui-se que, na sociedade mandjaco, a mulher até nessa etapa é obrigada a aprender as atividades ligadas à cultura feminina, como cozinhar, lavar a roupa, ter caráter, ser responsável, como conduzir a família, saber se comportar bem, economizar para poder assegurar a família para não passar fome, entre outras. Após essa etapa, a mulher se insere na nova etapa de formação abaixo mencionada.

d) A Fase de *Banoiba ou bacatch bambucari*[47]

Conforme relatos do grupo a fase de *Banoiba ou bacatch bambucari* é compreendida como quarta fase da formação feminina. A mesma congrega as mulheres casadas ou paridas entre 25 a 45 anos de idade, onde as mulheres são sujeitas a colocarem na prática todos os ensinamentos adquiridos nas fases anteriores.

Também é nessa fase que as mesmas começam já a fazer parte dos grupos de trabalhos, dos conselhos das mais velhas e das mulheres casadas, principalmente participar nas cerimônias de *bcuitch*[48], um ritual realizado pelo grupo de mulheres a cada ano, a pedido de chuva abundante, boa colheita, paz, saúde, etc. Esse ritual exige a participação de todas as mulheres a partir dessa fase por diante, em caso de não

participar, o indivíduo corre risco de ser punida, multada e até impedida participar nas organizações e atividade.

Na visão desse grupo, durante o ritual, as mulheres são sujeitas a descobrirem coisas que supostamente podem acontecer, tanto por mal-estar ou por bem da comunidade. Se for por mal, as mesmas se reúnem e se organizam, buscando estratégias que combatem ou impedem que o suposto mal possa acontecer. Mendes (2014) considera a cerimônia como forma das mulheres pedirem bênção, evitando para que não se haja enfermidade na comunidade, sendo que ela é realizada tanto pelos homens como pelas mulheres em pedido de chuva e boa colheita.

Ainda, é perceptível que, no decorrer desse ritual, o grupo estabelece o processo de socialização e momentos de trocas das experiências para efetivação das ações coletivas. Nesse caso, as mais velhas são as que dão as orientações e instruções a respeito de como devem resolver a situação.

Os Mandjacos consideram essa fase como a mais difícil nesse processo, pois é nessa que as mulheres se submetem iniciação feminina, denominado de *Catchinba Udjai ou cambatch bacatch*[49]. Esse ritual é marcado exclusivamente a participação das mulheres casadas e as que já geraram filho/a. Importa esclarecer aos leitores que, nesse ritual, não acontece processo de corte de órgãos genitais da mulher, como acontece nas outras etnias do País. Mas, sim, por meio de purificação, socialização, conhecimentos culturais e da tradição.

Segundo critério desse grupo, a mulher para cumprir esse ritual, basta atingir uma classe social da categoria das mulheres casadas e paridas, como foi explicado anteriormente. É claro que, o ritual não é determinado pela idade, pois, se a pessoa estiver filho cedo é obrigada participar no ritual. A par dessa informação, Mendes (2018) sustenta que, na organização social do grupo Mandjaco, a cerimônia da iniciação é vista como a principal mudança de uma faixa etária para outra, além disso, possibilita os iniciadores a alcançarem um estatuto social elevado em termos de direitos e de vivências devido à sabedoria que as mesmas detêm.

> A principal mudança de faixa etária na organização social manjaca inicia na cerimônia de iniciação, pois, essa etapa não é simples iniciada (as), mas também, se tornam iniciadores, o que ainda simula a abertura para plenitude dos direitos e da vivência social e religiosa da comunidade, uma vez que, recebem direitos políticos. Também, ganham um grande status por serem posseiro de sabedoria e conhecimento (MENDES, 2018, p. 71).

Segundo critério do grupo, a realização desse ritual dura em torno de um mês, durante esse período as iniciadas são proibidas a andarem sozinhas sem ter uma pessoa adulta que as acompanham, ou seja, no decorrer do ritual, todas as iniciadas ficam sob vigia e proteção das mulheres grandes ou antigas iniciadas, principalmente a/as amanham/*Bamanham bacatch*[50], por ser ou serem pessoas com poderes ocultos escolhidos pelas entidades para liderar o ritual. São os espíritos e as entidades que fazem a indicação de quem deve assumir essa liderança.

Segundo relatos do grupo, a escolha é feita através de exames por meio de sacrifício dos animais em diversos rituais, com o intermediário dos *Bapena*[51], as pessoas com poderes ocultos capazes de interpretar as divindades. As realizações dessas cerimônias remetem a pedido de proteção da comunidade, inclusive das iniciadas dos males que poderão acontecer ou para que não haja algo errado e desconfortável ao longo da sua realização. Como foi explicado anteriormente o ritual de B*cuitch*. Vale frisar que, durante esse período, as iniciadas são reunidas em um espaço chamado *Calemai*[52] *bacatch*, o lugar sagrado exclusivamente para realizar o ritual.

Ao tratar do processo educativo no contexto do grupo em pesquisa, não podemos descartar a presença dos rituais como também a participação nos grupos de trabalho, isso porque, durante essas atividades as integrantes recebem e compartilham diferentes informações sobre a vida social e cultural. Estes saberes, em sua maioria, não podem ser revelados para as pessoas de fora ou não Mandjacos, isso por serem rituais cobertos de segredos, por esse motivo limita-se em apresentar as informações por alto.

No entanto, conclui-se que, as pessoas aprendem ao longo da vida, tornando-se cada vez mais mestres educadores/as e, ao mesmo tempo, se educando. Após dessa fase, as mulheres se preparam para se inserir em uma nova fase.

e) Fase de *Gkatch Gtchaf*

Segundo determinação do grupo, a fase de *Gkatch Gtchaf* congrega as mulheres grandes a partir de 50 ou 60 anos por diante. Djalo (2012) considera essa como a quinta e última fase que corresponde ao prolongamento de maturidade e termina com a morte, tanto para mulher quanto para homens. Na sociedade Mandjaco, as mulheres, a partir dessa fase, começam a adquirir o estatuto de anciãs, que sempre desempenham papel de grande relevância na tradição, na cultura, na família, assim como comunidade.

Nessa sociedade o indivíduo, recebe tratamento muito especial da população, beneficia-se dos apoios, atenção e diversas ofertas dos/as mais novos/as, isso, por ser a pessoa que cuida e continua a cuidar da vida e bem-estar da povoação. É quem organiza e decide o que precisa ser feita em diferentes atividades. As *Gkatch Gtchaf* são conhecidas como mantedoras e conservadoras da tradição, em caso de qualquer perturbação ou um clima perturbador e desagradável se revoltam em ato de proteção e defesa da comunidade.

Nessa tradição, as pessoas que conseguem obedecer ou pôr em prática seus conselhos e ensinamentos são vistos como referências, indivíduos mais obedientes, educados, respeitosos e responsáveis. Trata-se de um comportamento que se transforma em alegria e orgulho para toda comunidade. Somé (2007), na sua pesquisa sobre o povo Dagara em Burkina Faso, afirma que os anciãos são pessoas que tomam as decisões do povoado, são guardiões dos saberes, pessoas que trabalham para toda a comunidade, considerados como bibliotecas africanas. Para essa autora, não existe um ancião para uma família específica, mas, sim, para a comunidade inteira. Assim como afirma Djalo (2012), os anciões são responsáveis por dirigir os assuntos da comunidade.

Os Mandjacos acreditam que não se deve desprezar o conselho dos anciãos, seja por bem ou mal, porque um dia servirá como lição de vida. Ademais, acreditam que respeitar os anciãos se transforma em uma benção, além das recompensas futuras. Como também Mendes (2018, p.86) afirma:

> Os manjacos geralmente têm um respeito profundo e arraigado pela velhice, sendo que, o respeito pelos anciões começa dentro da família imediata. Acredita-se que os mais velhos sejam possuidores de saberes. As palavras dos anciãos são mais importantes que os talismãs, ou seja, considera-se que eles oferecem mais proteção do que um talismã. Da mesma forma, podem rogar praga: entre outros motivos, é por isso que os anciãos manjacos são muito respeitados.

Na sociedade Mandjaco, muitas vezes, as pessoas as ajoelham a pedido de proteção, benção ou perdão caso a pessoa cometer falhas ou erros. Nessa sociedade os anciãos têm o poder de punir sem que sejam questionadas. Também desempenham papel das curandeiras e parteiras, sendo que muito antes da chegada dos portugueses até hoje, são elas que cuidam das mulheres durante o parto, dar banho das ervas aos doentes assim como realização dos rituais da chegada da nova criatura ao mundo dos vivos e os defuntos.

A abordagem dessa parte nos dá o entendimento de que a educação é uma prática de socialização estabelecida para tornar indivíduos comuns. O texto traz a compreensão de que os conhecimentos transmitidos, no processo de socialização, não estão inteiramente definidos

por etapas e momentos, uma vez que ocorrem através do envolvimento do indivíduo em diferentes vivências interpessoais do dia a dia.

Por outro lado, percebemos que, em certos momentos, as educações do menino e da menina não ocorrem da mesma forma, devido a certos impedimentos e os critérios estabelecidos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O foco desse trabalho é descrever o processo educativo no contexto dos mandjacos de Calequisse, a forma como o grupo se organizam e sistematizam a transmissão do conhecimento e do saber aos indivíduos. Com isso, vale frisar que, os objetivos traçados foram apenas uma guia de orientação para os estudiosos que pretenderão pesquisar os assuntos relacionados a esse.

O resultado inicial da pesquisa está relacionado a contexto histórico e política do grupo étnico mandjaco com destaque os do sector de Calequisse. Nessa, foi revelado que, o grupo, portadores da tradição e cultura oral, apresentam um sistema política muito antigo, centrada na estrutura de régulos formado em três níveis: central, local e regional. Esse sistema durante ocupação colonial sofreu várias perseguições, pois, foi visto como política primitivo.

A partir do que foi analisado durante a pesquisa, cabe, finalmente, concluir que, os mandjacos de Calequisse desenvolvem o sistema educativo seguindo seus princípios e regras próprias, tudo isso baseada na realidade e saberes endógenos.

Na segunda seção, que trata do processo de organização e sistematização do conhecimento e saber, foi destacado a importância desse sistema na formação do indivíduo refletivo e crítico. A pesquisa aponta a necessidade de valorizar e incluir os saberes endógenas nos currículos escolares, como sendo a base na formação destes sujeitos.

A pesquisa revela que, para os mandjacos consideram educação como prática cultural, que por meio dela as pessoas conseguem compartilhar as vivencias, experiência através das relações interpessoais, ainda, considera-a como ato de viver para viver, que resulta o modo de ser e de estar de cada grupo, revelando a importância dos seres humanos em aprender uns com os outros.

Nesse processo de socialização os ensinamentos repassados englobam diferentes fontes de conhecimento, possibilitando os indivíduos os conhecimentos ligados a questão moral, valores, culturais, preservação das identidades coletivas e individuais, memorias do grupo, a religiosidade, espiritualidade, ancestralidade, politica, arte, mito, rito, lenda, jogos e brincadeiras, meio ambientes, conhecimento sobre as ervas e plantas medicinais a tecnologia e tudo que envolve a vida social e cultural do grupo.

Ainda ficou claro que, no processo de sistematização e socialização os mandjacos desconhecem a figura do/a professor/a, por acreditarem que, qualquer indivíduo e conhecido adulto pode desenvolver essa prática independentemente de ser ou não parente biológico, quer dizer a educação dos filhos/as é uma pratica compartilhada que não limita no pai e mãe. Ain-

da, foi compreendido que, nesse contexto o modo de ensinar não determina o espaço, horaria, sem compartimentação de disciplinas e nem os dias para acontecer, se refere um processo baseado na tradição oral, em que os mais velhos assumem papel dos mestres que orientam os mais novos.

Segundo concepção do grupo, ser pessoa educada é preciso respeitar as regras condutas socialmente e culturalmente estabelecidas na comunidade, a pessoa que respeita e obedece aos mais velhos. Foi entendido que, a honestidade, humildade, a dignidade também são fatores que caracterizam a pessoa educada.

Os fatos apontam que, nesse processo os ensinamentos ocorrem de forma sistematizada, isto é, por faixa etária, classe social, orientação sexual, momentos participação nos ritos e rituais, divisão dos trabalhos dentre outras. Aliás, nessa realidade não há o tempo limitado para que o indivíduo seja socializado, isso por ser um processo continuo.

Acreditamos que, essa pesquisa será capaz de trazer novos olhares, que valorizam outras áreas de conhecimento que também destacam a importância na formação dos indivíduos refletivos, críticos e compreensivos a realidade social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosivaldo Pereira de. **"Em todo lugar se aprende**": sobre o campo da educação não formal. Goiás. 2012.

ATTENOT, Julia de França. **Monografia da região de Cacheu-Guiné-Bissau.** Dakar: La Rochete, 2018. Disponível em: https://grdr.org/IMG/pdf/grd_monographie-_cacheu_porv5.pdf. Acesso em: 23 jan. 2019.

AUGEL, Parente Moema. **O Desafio do Escombro:** Nação Identidades e Pós-Colonialismo na Literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamon, 2007.

BÂ, A. Hampaté**. A Tradição Viva**: Metodologia e Pré-história da África. História Geral da África. 3. ed. Brasília: Unesco, 2011.

BÂ, A. Hampaté**. A Noção De Pessoa Na África Negra.** París: CNRS, 1981.

BARROS, Aidil Jesus da Silva; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia Cientifico.** 3 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto:** Imagem e Som: Um Manual Prático. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BENZINHO, Joana; ROSA, Marta. **Guia turístico**: à descoberta da Guiné-Bissau. Coimbra: Gráfica Ediliber, 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues**. O que é Educação?** 49. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CÁ, Lourenço Ocuni. A Educação Durante a Colonização Portuguesa na Guiné-Bissau (1471-1973). **ETD – Educação**, Campinas, SP, v.2, n.1, out. 2000.

CÁ, Cristina Mandau Ocuni. **Formação feminina no Internato de Bor (1933-2011) na Guiné-Bissau**: reflexos na educação da sociedade guineense contemporânea. 2015. 293f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2015.

DA CRUZ, Paulo Divino Ribeiro; SÁ, Nicanor Palhares. **Educação e fronteiras:** A Questão do Negro em Mato Grosso: A Educação na Perspectiva Pós-Colonial: A Epistemologia Racista Republicana. Cuiabá: EDUFMT, 2009.

DAMIÃO, Flavio de Jesus; JUNIOR, Henrique Cunha. **Educação e Afrodescendência no Brasil:** Uma História a Contar Literatura, História e Educação de Afrodescendentes a Partir da Obra a Casa da Água. Fortaleza: ed UFC, 2008.

DA SILVA, Eugénio Alves. **Educação oficial e educação tradicional em Angola**: dialogo possível ou contradição irresolúvel?. Universidade do Minho, Braga/Portugal, s./d.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa:** Teorias e Abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DJALÓ, Cherno**. O Mestiço e o Poder**: Identidades Dominicações e Resistências na Guiné. Lisboa: Nova Vega, 2012.

FONSECA, Domingos. **Os Mancanhes**. s/l. 1997.
GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOHN, Maria da Glória. Educação não Formal, Participação da sociedade civil e estruturas colegiados nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ**., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

HABTE, Aklilu; WAGAW, Teshome; AJAYI J. F. Ade. Educação e mudança social. *In*: MAZRUI, Ali A. (Coord.). **História Geral da África**. Vol. VIII: África desde 1935. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010. pp.817-845.

HONWANA, Alcinda. **Juventude, Waithood e Protestos Sociais em África.** Moçambique. 2014.
http://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/des2014/IESE-Desafios2014_14_ProtSoc.pdf > acesso em 11 de agosto de 2019.

LEISTER, Fátima Cristina. **Um Prefácio a Povos Da Guiné-Bissau**: o Boletim Cultural da Guiné Portuguesa (1946-1973). 2012. Dissertação (Mestrado em História Social) - PUCSP, São Paulo-SP, 2012.

LOPES e LOPES, Luísa da Silva. **A Lei de Bases do Sistema Educativo da Guiné-Bissau:** Uma Análise do Processo de Construção Política. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade Aveiro, 2014.

M'BUNDE, Timóteo Saba. **As políticas Externas Brasileiras e Chinesa Para a Guiné-**Bissau em Abordagem Comparada (1974-2014). Rio de janeiro: Gramma, 2018.

MENDES, Paulina. **Entre os "Saberes locais" e o "Saber Universal":** a Modernização das Comunidades Manjaco e a Mandjização do estado na Guiné-Bissau. 2014. Tese (Doutorado em Cidadania Global) - Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014**.**

MENDES, Virgínio Vicente. **Rituais de Iniciação do Povo Manjaco da Guiné-Bissau:** Adivinho/Napene e Régulo/Namantch. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - UNILAB, São Francisco do Conde, 2017.

MENDES, Irina. **A Prática do Ucó**: Cosmo-Ontologia Manjaco Sobre Materialização do Corpo na Diversidade Corporal. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MENDY, Piter Caribe. **Colonialismo Português em África:** A Tradução de Resistência na Guiné-Bissau (1870-1959). Brasília: INEP, 1994.

NHAGA, Ghorque, Joaquim: **Formação de Identidade Nacional da Guiné-Bissau**. 2011. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília, 2011.

NOGUERA, Renato. **UBuntu Como Modo de Existir: Elementos Gerais para uma Ética Afroperspectivista.** Revista da ABPN. 2012.

PINTO, Paula**.** **Tradição e Modernidade na Guiné-Bissau**: Uma Perspectiva Interpretativa do Subdesenvolvimento. Porto, 2009.

RANGEL, Lucia Helena. Da Infância ao Amadurecimento: Uma Reflexão Sobre Rituais de Iniciação. **Revista Debates**, São Paulo, 1999.

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. **As *Mandjuandadi* - Cantigas de Mulher na Guiné-Bissau: da Tradição Oral à Literatura.** 2010. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - PUCMinas, Belo Horizonte, 2010.

SIMÕES, Landerset**. Etnografia Arte e Cultura dos indígenas da Guiné.** 1935.

SOME, Sobonfu. **Espirito da Intimidade**: Ensinamentos Ancestrais Africanos Sobre Relacionamento. 2. ed. São Paulo: Odysseus Editora, 2007.

SZYMANSKI, H.; ALMEIDA, L. R.; PRANDINI, R. C. A. R. **A Entrevista na Pesquisa Em Educação**: A Prática Reflexiva. Brasília: Líber, 2004.

VANSINA, Joseph Ki-Zerbo. **História Geral da África I**: Metodologia e pré-história da África: A Tradição Oral e Sua Metodologia. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; ZOUAIN, Deborah Moraes. **Pesquisa Qualitativa em Administração.** Rio de Janeiro**:** Editora FGV, 2006.